



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
MEMORIAL DESCRITIVO DO PRODUTO

ROBERTA CHAVES PISSUTTI

COISA DE MULHER
PODCASTS COMO MEIO INFORMATIVO E DE PROMOÇÃO DE DEBATES

BRASÍLIA - DF
NOVEMBRO DE 2019

ROBERTA CHAVES PISSUTTI

COISA DE MULHER

PODCASTS COMO MEIO INFORMATIVO E DE PROMOÇÃO DE DEBATES

**Memorial descritivo do produto apresentado à
Universidade de Brasília como requisito parcial
para obtenção do título de bacharel em
Jornalismo.**

Orientador(a): Prof. Emília Silveira Silberstein

BRASÍLIA - DF

NOVEMBRO DE 2019

ROBERTA CHAVES PISSUTTI

COISA DE MULHER

PODCASTS COMO MEIO INFORMATIVO E DE PROMOÇÃO DE DEBATES

**Memorial descritivo do produto apresentado à
Universidade de Brasília como requisito parcial
para obtenção do título de bacharel em
Jornalismo.**

Orientador(a): Prof. Emília Silveira Silberstein

BRASÍLIA - DF

NOVEMBRO DE 2019

BANCA EXAMINADORA

**PROF. EMÍLIA SILVEIRA SILBERSTEIN
ORIENTADORA**

**PROF. DRA. GABRIELA PEREIRA DE FREITAS
EXAMINADORA**

**PROF. DRA. ROBERTA GREGOLI
EXAMINADORA**

AGRADECIMENTOS

É engraçado pensar que os agradecimentos foram a parte que eu mais demorei para escrever neste projeto de conclusão de curso. Não por falta de a quem agradecer, mas por excesso. O espaço é pequeno, e muita gente merece um “textão” por me apoiar na minha trajetória.

A questão é que este trabalho levou um ano para ser idealizado e produzido, mas eu não teria chegado até aqui se não fosse o número absurdo de pessoas que tanto me influenciaram durante toda a minha vida. Então estamos falando de quase 23 anos de agradecimentos acumulados.

Aqui registro minha gratidão àquelas que participaram da produção deste trabalho: minha orientadora, Emília Silberstein, que me guiou ao longo desta jornada, sempre me passando muita confiança; à professora convidada no segundo episódio do *Coisa de mulher*, Valeska Zanello, que aceitou participar do projeto e acrescentou tanto à nossa discussão; à minha colega de curso e querida amiga Ester Cezar, que além de participar do terceiro episódio como convidada, também foi quem me deu a ideia de abordar a pornografia no produto, há mais de um ano; ao meu tio Rodney, minha tia Cris e minha amiga Ana Luíza, que me ajudaram na revisão do projeto; e às membras da banca de avaliação, professoras Gabriela Freitas e Roberta Gregoli. Com um projeto focado em discussões e questões de gênero, é extremamente gratificante passar por este momento tão significativo na minha graduação acompanhada por este grupo formado majoritariamente por mulheres.

Aos demais professores da Faculdade de Comunicação (FAC) que fizeram parte da minha formação e cujos ensinamentos terão grande influência na profissional que estou me tornando: Dione Moura, Letícia Renault, Luiz Martins, Rafiza Varão e Fernando Paulino. E aos técnicos e servidores da FAC, por todo o auxílio nos últimos quatro anos.

À empresa júnior de Audiovisual da UnB, Pupila Audiovisual, por me proporcionar experiências e oportunidades que me fizeram ir muito além do que o currículo de jornalismo oferece e por ocasionar momentos únicos em minha vida — desde as correrias do dia a dia no *set* de gravação, até a incrível oportunidade de subir no palco da 50ª edição do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro para representar um curta que ajudei a produzir.

À Assessoria de Comunicação da Escola Superior do Ministério Público da União (ESMPU), onde estagiei durante os meus últimos dois anos de graduação. Agradeço a

parceria e o incentivo das minhas (e meus) chefes e colegas, além de todo o conhecimento que adquiri.

Aos meus amigos, aqueles que me acompanham desde a infância, os que conheci na escola e os que adquiri ao longo do meu percurso na universidade, obrigada por entenderem meu sumiço nos últimos meses. Agradeço por todo o apoio e carinho, por cada abraço, palavra de incentivo e oferta de ajuda.

À minha família, que me inspirou desde pequena. Tive o enorme privilégio de nascer em uma família que pôde me proporcionar oportunidades que me fizeram evoluir muito. Agradeço o amor de todos os primos e primas, tios e tias, avôs e avós. E, principalmente, agradeço aos meus pais, Riva e Carlos, e irmãos, Rebecca e Bernardo, por estarem sempre ao meu lado nos momentos bons e ruins e por serem meus guias neste mundo tão complicado.

Em especial, agradeço a todas as mulheres, citadas aqui ou não, que passaram pela minha vida nesses 22 anos. Foi a força, coragem e perseverança de todas vocês que me inspiraram a produzir este trabalho. Espero ter adquirido um pouco de todas essas virtudes para me tornar uma mulher que possa inspirar outras meninas no futuro.

Finalmente, aos brasileiros e brasileiras que, mesmo que indiretamente, contribuíram para a minha formação nesta universidade pública federal. Espero que, com o conhecimento que conquistei, possa retribuir à sociedade aquilo que me foi proporcionado.

RESUMO

Este é o memorial descritivo da produção do *Coisa de mulher*, uma série de podcasts, com três episódios, produzida para ser veiculada em plataformas on-line. Os episódios trazem conversas com a Prof. Dra. Valeska Zanello e a estudante de jornalismo Ester Cezar, com o tema "As mulheres na pornografia". Este memorial apresenta o estudo de embasamento para a criação do produto, trazendo estudos sobre a história dos podcasts e o formato das produções atuais, assim como uma breve apresentação sobre as discussões que envolvem o tema pornografia e seus impactos na sociedade. O trabalho aponta a importância de estudos mais aprofundados relacionados à podcasts durante a graduação em jornalismo e destaca a importância desta mídia para o desenvolvimento do jornalismo na atualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Podcast. Debate. Jornalismo. Mulheres. Pornografia.

ABSTRACT

This is the descriptive memorial of the production of *Coisa de mulher*, a podcast series, with three episodes, created to be published on online platforms. The episodes present discussions with Professor Valeska Zanello and journalism student Ester Cezar, with the theme "Women in pornography". This memorial presents the background study for the product's creation, with studies on the history of podcasting and the format of current productions, as well as a brief presentation on discussions involving pornography and its impacts on society. The paper points out the importance of further studies related to podcasting during journalism degree and highlights the importance of this media for the development of journalism at this age.

KEYWORDS: Podcast. Debate. Journalism. Women. Pornography.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	07
2. PROBLEMA DA PESQUISA	09
3. OBJETIVOS	11
4. JUSTIFICATIVA	12
5. JORNALISMO	14
5.1. Podcast	14
5.2. Pesquisa	18
6. PAUTA	21
6.1. Pornografia	21
6.2. A violência contra as mulheres na pornografia	22
6.3. Pornografia e feminismo	25
6.4. Pesquisa	28
7. METODOLOGIA	32
7.1. Pauta	32
7.2. Apuração	32
7.3. Produção	33
7.4. Edição	34
8. ESTRUTURA E APRESENTAÇÃO	35
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
10. BIBLIOGRAFIA	40
11. ANEXOS	46
11.1. Roteiro Episódio 1	46
11.2. Guia Episódio 2	49
11.3. Guia Episódio 3	52
11.4. Questionário sobre consumo de podcasts	54
11.5. Respostas do questionário sobre consumo de podcasts	56
11.6. Questionário sobre consumo de pornografia	57
11.7. Respostas do questionário sobre consumo de pornografia	59
11.8. Material de divulgação no Instagram	69

1. INTRODUÇÃO

Em 2019, não é equivocado afirmar que o crescimento da tecnologia progride cada vez mais rápido. As grandes pesquisas científicas produzidas no século XX permitiram um significativo avanço tecnológico que, por sua vez, proporcionou estudos ainda mais aprofundados, possibilitando o progresso tecnológico rápido e constante percebido ao longo das primeiras duas décadas do século XXI.

Porém, no Brasil, ainda existe uma disparidade, na qual um terço das moradias brasileiras não possuem acesso a qualquer forma de conexão de rede. Esta informação é apresentada pela pesquisa TIC Domicílios 2018¹, que mostra que apenas 67% dos domicílios brasileiros possuem acesso à internet, sendo grande parte desses acessos realizados através de um aparelho celular.

Contudo, o crescimento tecnológico influencia diversas áreas na sociedade. Com a chegada dos computadores, notebooks, smartphones e tablets, o Brasil tem, hoje, dois dispositivos digitais por habitante, sendo a maioria deles smartphones². Thomas Friedman, colunista político do jornal *The New York Times*, defende que este avanço constante, somado às mudanças climáticas e no mercado financeiro, são os principais agentes no cenário mundial atual. Segundo ele, “essas três acelerações estão interagindo e mudando o mundo em cinco áreas: política, geopolítica, mercado de trabalho, ética e comunidade” (FRIEDMAN, 2018)³.

A possibilidade de se ter a informação na palma da mão, transformou o consumo da população e, conseqüentemente, mudou também o formato do conteúdo, com veículos de comunicação tradicionais dedicando parte de sua produção de notícias para às redes sociais e às mídias digitais.

A cada ano, mais ferramentas on-line são criadas, o que possibilita um avanço constante da mídia de comunicação na web, sendo o podcast uma dessas ferramentas.

O termo “podcasting” surgiu inicialmente em 2004, nos Estados Unidos, quando o jornalista Ben Hammersley⁴, do jornal *The Guardian* na época, criou a palavra para definir a

¹ Pesquisa que monitora a adoção das tecnologias de informação e comunicação (TIC), realizada anualmente pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic).

² Segundo dados da 30ª Pesquisa Anual de Administração e Uso de Tecnologia da Informação nas Empresas, realizada pela Fundação Getúlio Vargas de São Paulo (FGV-SP), em 2019.

³ Traduzido do inglês.

⁴ Ben Hammersley é um jornalista, radialista, escritor e técnico de internet britânico, nascido em 1976.

transmissão de uma série de entrevistas gravadas em áudio e disponibilizadas na internet. No mesmo ano, a ferramenta ganhou grande espaço na mídia em todo o mundo.

Levando em consideração a popularidade atual deste meio e seu formato diferenciado, a presente pesquisa procurou estudar e entender o funcionamento do podcast como meio de comunicação jornalístico e de debate, para, ao final das análises, apresentar o podcast *Coisa de mulher* e, por meio dele, uma série de programas que tragam informações a respeito da pauta “O papel da pornografia no reforço de estereótipos e da violência contra as mulheres” ao público e proporcione um espaço para debate que envolva pesquisadoras, especialistas e interações com os(as) ouvintes.

O tema da pornografia foi escolhido para os episódios por se tratar de um assunto que gera longas discussões e envolve divergentes opiniões, além de ser um produto cultural de grande consumo mundialmente, e principalmente, por ser uma temática muito ligada às mulheres.

Assim, com um linguajar simples e acessível, o *Coisa de mulher* foi criado com o objetivo de atingir o maior número de pessoas possível, especialmente mulheres, de maneira a elucidar a questão da pornografia e as consequências que este meio causa na vida das mulheres.

Espera-se, a partir deste produto, criar um espaço de diálogo sobre o papel que as mulheres ocupam na sociedade atual e fornecer às mulheres mais informações sobre o mundo em que vivemos.

2. PROBLEMA DA PESQUISA

Os questionamentos abordados para a fundamentação da pesquisa foram definidos através do meu interesse em compreender melhor o uso do podcast como transmissor de programas de debate, em especial os que abordam temáticas consideradas polêmicas. Busca-se, portanto, identificar o papel do(a) jornalista nestas conversas e entender seu posicionamento e como abordá-lo de maneira transparente, de modo a não prejudicar a fluidez da discussão.

Assim, inclui-se o tema “pornografia” para aplicação da pesquisa e auxílio na assimilação do papel do(a) profissional na mediação de debates sobre este assunto, bem como a análise de tal tema, levando em consideração a divergência de opiniões que o envolvem, tanto na sociedade em geral, como no movimento feminista.

Apesar de ainda se tratar de um assunto considerado tabu, recentemente têm sido produzidas cada vez mais pesquisas relacionadas ao tema. Análises como *Aggression and Sexual behavior in best-selling pornography videos: A Content Analysis Update* (BRIDGES et al., 2010), *Pornografia, desigualdade de gênero e agressão sexual contra mulheres* (D’ABREU, 2013), além de pesquisas de consumo realizadas pelos próprios sites de conteúdo pornográfico, mostram que, segundo James B. Weaver (2004)⁵:

Nos homens, a exposição prolongada à pornografia cria e aumenta a insensibilidade sexual para com as mulheres [...] É preciso lembrar que a exposição prolongada à pornografia resulta em perda de respeito à autonomia sexual feminina e na desinibição dos homens na expressão de agressão contra mulheres.⁶

Pretendo, então, a partir do estudo destas e outras pesquisas, entender melhor o papel da indústria pornográfica no incentivo da violência sexual e na validação do sentimento de dominação masculina e sua influência sobre as mulheres.

Foram formuladas, desta maneira, as seguintes perguntas para servirem de guia durante a pesquisa e produção do projeto e para auxiliar no alcance dos objetivos estipulados:

⁵ Fala do Dr. James B. Weaver durante seu testemunho perante um subcomitê do Senado dos EUA sobre os efeitos da pornografia na saúde, em 18 de novembro de 2004 (PORNOGRAPHY STATISTICS, 2018, p.29).

⁶ Traduzido do inglês por mim.

Considerando que o podcast já é reconhecido para a realização de programas jornalísticos de debate, como adaptá-lo para pautas jornalísticas mais controversas?

Qual a influência da pornografia na propagação da cultura de estupro e na afirmação do sentimento de superioridade dos homens sobre as mulheres e qual o papel do(a) jornalista na mediação de debates sobre o tema?

Espera-se, na conclusão deste trabalho, alcançar respostas e esclarecimentos às questões apresentadas, senão, ao menos, uma melhor compreensão das temáticas aqui inseridas.

3. OBJETIVOS

O objetivo deste projeto foi criar um podcast, considerando que, entre 2018 e 2019, o meio cresceu cerca de 67% na média de consumo no Brasil (ALVES, 2019), e produzir os três primeiros episódios do programa, de aproximadamente 20 minutos cada, que promovem um debate e que trazem informações e estudos voltados para a temática da pornografia, ocasionando, assim, uma melhor compreensão do uso das novas ferramentas no jornalismo atual.

Para alcançar o objetivo, estudaram-se alguns exemplos de podcasts e as características do conteúdo produzido neste meio, com o intuito de compreender o formato utilizado ao abordar e discutir pautas polêmicas e assuntos considerados tabu, fazendo uso da temática da pornografia como meio para estudo destas questões.

Estudou-se, também, a história do podcast e da inserção do jornalismo introduzido neste meio, focando nos métodos de adaptação da profissão para as novas plataformas e na utilização de podcasts como meio de promoção de debates e discussões.

4. JUSTIFICATIVA

O principal motivo de seguir o estudo sobre podcasts foi meu interesse, como mulher e futura jornalista, em produzir materiais de cunho jornalístico e informativo que abordassem a relação das mulheres com a pornografia. A ideia do produto resultou em uma pesquisa a respeito dos meios de comunicação digital atuais que poderiam harmonizar com o formato procurado: de linguagem simples, descontraída e que permitisse interação com o ouvinte, além de atingir o público-alvo desejado.

De tal pesquisa, surgiu a vontade de trabalhar com podcasts, por se tratar de um meio de comunicação que, apesar de não ser necessariamente novo, ainda não é trabalhado com especial atenção no currículo do curso de jornalismo.

O podcast apresenta-se como método de transmissão em grande crescimento e consumo atualmente. Trabalhado em conjunto com as plataformas audiovisuais de streaming como Spotify, Netflix, YouTube e iTunes, ele se apresenta como uma das formas de jornalismo multimídia, possibilitando uma flexibilidade de abordagens, que envolvem desde o tradicional áudio até vídeos e interações com ouvintes em redes sociais.

Com o objetivo de criar um produto informativo que gere oportunidade de debates educativos, que informe o ouvinte e que permitam a formação de opinião a respeito da pauta escolhida, fez-se necessário o estudo do formato do podcast, o espaço que ocupa na sociedade e o trabalho do(a) jornalista neste meio, assim como a busca pela compreensão do veículo como meio de debate.

A temática da pornografia foi escolhida por se tratar de assunto que gera longas discussões e envolve divergentes opiniões. A indústria pornográfica apresenta grande influência na vida das mulheres e conversas a esse respeito nunca serão demasiadas. Visto que a indústria ainda representa severa objetificação do corpo feminino e favorece a superioridade e a dominação masculinas, caracteriza-se a pornografia como algo degradante para as mulheres (BRIDGES et al., 2010), que reforça estereótipos da “urgência biológica insaciável” do homem (DONNERSTEIN; LINZ; PENROD et al., 1987).

Assim, julga-se imprescindível a elucidação desta temática de maneira simples, acessível e democrática, para alcançar o público-alvo: as mulheres. Apesar de serem muito afetadas pela pornografia, ainda são pouco instruídas no assunto, resultado da construção histórica da sociedade, que apresenta a sexualidade das mulheres como tabu, e da carência de

dados sobre o consumo de pornografia no Brasil, o que dificulta a conscientização destes assuntos que afetam a integridade física e emocional das mulheres.

A pesquisa também apresenta alguns resultados acerca do consumo de podcasts por jovens universitários(as) do Distrito Federal, coletados por meio de um questionário simples, criado para auxílio na construção e produção do programa. E assim, ao final, coloca-se em prática os conhecimentos adquiridos ao longo do curso de jornalismo e do estudo feito durante o trabalho de conclusão, na produção de uma série de podcasts que serão publicados e estarão disponíveis ao público, como forma de retorno à sociedade.

5. JORNALISMO

5.1. Podcast

O podcast é, em sua essência, uma ferramenta jornalística, não apenas por serem esses profissionais os maiores produtores de podcast, mesmo com a popularidade atual do meio, mas porque o próprio termo foi criado por um jornalista, com o intuito de servir à profissão.

Segundo a Oxford University Press, casa editorial da Universidade de Oxford, responsável pela produção e publicação anual do *Oxford English Dictionary*, o termo “podcast” pode ser definido como “arquivo de áudio digital disponibilizado na Internet para download em um computador ou dispositivo móvel, normalmente disponível como uma série”⁷. Em sua etimologia, provém da junção das palavras, iPod, tocadores portáteis de mídia digital projetados pela empresa estadunidense Apple, e *broadcast*, que pode ser traduzida como transmissão (PODCAST, 2019).

O produto teve sua estreia em 2004, quando o empresário Adam Curry elaborou uma maneira de transferir áudios disponibilizados por RSS (Really Simple Syndication)⁸ para programas agregadores, na época, o iTunes. Com transferência e armazenamento disponíveis, o jornalista Christopher Lydon utilizou os recursos para publicar em seu blog uma série de entrevistas gravadas em áudio (MACK; RATCLIFFE, 2007, p.40).

Após a estreia da novidade, Ben Hammersley, jornalista e radialista do jornal *The Guardian*⁹, denominou o método utilizado por Lydon para disponibilização das entrevistas, utilizando o termo podcasting, que acabou sendo adotado permanentemente.

No Brasil, os primeiros podcasts criados foram o *Digital Minds*, de Danilo Medeiros, e o *Podcast do Gui Leite*, produzido ainda hoje. As produções brasileiras, a princípio, apresentavam uma estrutura semelhante aos programas de rádio, com menos edição e poucos elementos sonoros (MÍDIA EM FOCO, 2018).

Ao final de 2005, foram introduzidos novos modelos, mais próximos do empregado atualmente, nos quais se utilizavam do humor, mixagem de som e trilha e efeitos sonoros que

⁷ Traduzido do inglês.

⁸ RSS, ou Really Simple Syndication, trata-se de um modelo de distribuição de dados pela internet em tempo real, que podem ser acessados através de programas agregadores, em especial usado por blogs e sites de notícias.

⁹ O *The Guardian* é um jornal diário britânico fundado em 1821. O periódico é conhecido mundialmente e produz quatro edições atualmente: na Inglaterra, nos Estados Unidos, na Austrália e uma versão internacional.

acrescentam à narrativa dos programas. A partir daí, surgiram programas que adotavam este formato, como o *Nerd Connection*, em 2006, que fazia parte dos produtos apresentados pelo blog Jovem Nerd¹⁰. Hoje o programa ainda existe, rebatizado com o nome *Nerdcast* (LUIZ; ASSIS, 2009).

Houve um período em que o uso e o avanço do podcast não foi perceptível, entre 2009 e 2014, mas a partir de 2015, com o lançamento de aplicativos de streaming de áudio, como o Spotify, para dispositivos móveis, o podcast tornou-se ainda mais acessível e de fácil consumo, e, assim, voltou a ganhar espaço como meio de comunicação, tornando ainda mais real o que já havia sido estudado e registrado por Marcello Medeiros (2005, p. 5), que disse:

Essa é a grande inovação que o Podcasting propõe: o ‘poder de emissão’ na mão do ouvinte. Com isso, não existe mais uma produção de conteúdo centralizado nas mãos de uma mídia. Cada usuário produz seu conteúdo descentralizadamente, disponibilizando-o na rede da melhor maneira que lhe convier.

O formato atual do podcast é mais livre. Ele permite que o(a) autor(a) decida a direção que pretende levar seu programa, de acordo com o objetivo, o conteúdo abordado e o público-alvo. Mas uma característica é certa: o podcast possui uma linguagem informal, que atrai principalmente o público jovem, por desenvolver tópicos importantes e de interesse público de maneira leve, descontraída e, muitas vezes, cômica.

Ainda existe, porém, uma grande dificuldade em se explicar a diferença entre o programa de rádio tradicional e o podcast. Em especial na atualidade, quando a tecnologia permite a publicação dos programas gravados ao vivo na rádio, proporcionando ao(a) consumidor(a) a oportunidade de acesso posterior ao conteúdo. Existem profissionais, inclusive, como o jornalista Thiago Barbosa, gerente de jornalismo da rádio CBN Rio, que defendem que “os podcasts são rádio da mesma forma, apenas em uma nova maneira de consumir” (BARROS, 2019).

Então, diante dos avanços que entrelaçam cada vez mais os dois conceitos, a distinção entre o podcast e o programa de rádio usual pode ser verificada através das seguintes características.

¹⁰ Portal de notícias e entretenimento, que abriga podcasts, videocasts e uma central de notícias, criado em 2002 por Alexandre Ottoni e Deive Pazos (Jovem Nerd, 2019).

As rádios costumam apresentar uma grade de programação fixa e linear, trabalhada para atingir o maior público possível, exibindo um material eclético, enquanto o podcast é pautado por episódios (MEDEIROS, 2006), com tópicos voltados para um público mais específico, com a estratégia de alcançar pessoas que demonstram um interesse particular por determinado assunto.

A programação radiofônica é quase sempre constante, muitas vezes disponibilizando programas e atividades transmitidas ao vivo, 24 horas por dia. Isso quer dizer que, para melhor compreensão dos(as) ouvintes, que podem sintonizar à estação de rádio a qualquer momento, o programa precisa ser reapresentado e recapitulado constantemente. O podcast, entretanto, veicula seu conteúdo pré-gravado de maneira mais espaçada e ocasiona ao(à) ouvinte a vantagem de escolher como, quando, onde e o que ouvir, além de não possuir grandes limitações de alcance geográfico, graças à transmissão pela internet (BOTTENTUIT; COUTINHO, 2007).

Por fazer parte de um cronograma transmitido ao vivo, os programas em rádio possuem um tempo limitado, e demandam maior cuidado para evitar falhas e erros nas transmissões. Em um podcast, existe a possibilidade de regravar o produto, editar e adicionar efeitos, tudo sem um limite de tempo (DARZI, 2019).

Finalmente, o podcast seria, em teoria, mais fácil e barato de produzir, por não demandar o uso de equipamentos mais caros ou estruturas muito elaboradas para a realização do conteúdo. Segundo Medeiros: “Para produzir um Podcast basta que o usuário tenha nas mãos um microfone, um computador, um software de áudio e conexão à internet” (MEDEIROS, 2006).

Logo, percebe-se que o podcast não possui apenas um formato, mas vários. E que cada criador(a) acrescenta sua própria essência ao produto, tornando-o único. Contudo, assim como a grande maioria do conteúdo produzido para veiculação on-line, os programas são estudados e planejados buscando um grande alcance de espectadores(as) na rede, a chamada viralização. Assim como a produção de vídeos para o Youtube e de conteúdo promocional para o Instagram, o podcasting tornou-se uma profissão, e não apenas a ferramenta de uma. Os(as) criadores(as) buscam um grande número de acessos, de *likes* e de compartilhamentos, pois, desta maneira, conseguem monetizar seu conteúdo.

Sendo assim, é possível notar um padrão nos podcasts produzidos. No Brasil, o tipo de podcast mais encontrado funciona como uma conversa entre um grupo de pessoas em torno

de algum tema (BARROS, 2019). Normalmente este grupo é formado pelo(a) apresentador(a), produtor(a) e criador(a) do podcast, e outras duas ou três pessoas, amigos(as) interessados pelo assunto ou especialistas. Em meio à conversa, os(as) participantes trazem informações e apresentam um debate construtivo, em que as opiniões são expostas de maneira explicativa e a conversa é conduzida de modo que a discussão torna-se educativa para o(a) ouvinte.

Os podcasts jornalísticos e de cunho informativo costumam variar quanto ao formato. Uns têm uma abordagem mais similar a dos programas jornalísticos no rádio, mais regrada, semelhante a uma longa reportagem radiofônica, como o *Café da Manhã*, podcast do jornal Folha de São Paulo, apresentado pelos jornalistas Rodrigo Vizeu e Magê Flores, que traz as manchetes do dia (CAFÉ DA MANHÃ, 2018), e *O Assunto*, podcast do G1, apresentado pela jornalista Renata Lo Prete, que busca “contextualizar e aprofundar o tema do momento” (O ASSUNTO, 2019). Outros utilizam o modelo mais informal, citado anteriormente, em que os participantes apresentam informações, acontecimentos e dados, e discutem e analisam entre si, ou com convidados(as), em uma espécie de debate ou conversa. Alguns podcasts que assumem esse modelo são: *Papo de política*, do G1, apresentado pelas jornalistas Natuza Nery, Maria Júlia Coutinho, Júlia Duailibi e Andréia Sadi, que apresenta “uma conversa leve sobre os bastidores do poder, com análises e informações exclusivas” (PAPO DE POLÍTICA, 2019), e o *Mamilos*, apresentado pela publicitária Juliana Wallauer e pela comunicadora Cris Bartis, o programa “discute os temas polêmicos apresentando diversos argumentos e diferentes visões para que os ouvintes formem sua opinião de maneira crítica” (MAMILOS, 2014).

Nos programas em formato de bate-papo, o(a) apresentador(a) faz parte da discussão e também apresenta suas próprias convicções acerca do tema, mas, especialmente nos de cunho jornalístico, busca reforçar com clareza os momentos nos quais apresenta sua própria opinião e embasa suas falas fazendo referências a fatos comprovados por pesquisas e estatísticas.

Os temas variam. Normalmente, o assunto geral abordado no podcast é escolhido de acordo com as afinidades e os interesses dos(as) criadores(as), enquanto os subtemas de cada episódio se diversificam e são selecionados a partir da manifestação de interesse do público ou dos acontecimentos do mundo. Alguns dos assuntos gerais mais abordados em podcasts são feminismo, crimes, política, notícias, música, cultura pop, entre outros. Já os subtemas

podem ser bem específicos, como um álbum de músicas que acabou de ser lançado, os resumos dos próximos capítulos das novelas, um certo acontecimento importante do dia, etc.

Em julho de 2019, a plataforma de streaming de áudio Deezer divulgou uma pesquisa que indica que o consumo de podcast no Brasil subiu cerca de 67% em um ano. 25% dos(as) entrevistados(as), ouvintes de todas as plataformas, afirmou escutar mais de uma hora de podcast por dia. A pesquisa também salientou que, entre os(as) participantes, os gêneros de podcasts mais populares são: Comédia, Negócios e Educação (ALVES, 2019).

Uma outra pesquisa, realizada pela plataforma de streaming de áudio Spotify, ainda afirma que entre 2017 e 2018, no mundo inteiro, o número médio de ouvintes de podcast na plataforma aumentou 330% (BARROS, 2019).

Também foram realizados diversos estudos que trazem dados relacionados à produção de podcasts em 2019. Atualmente, existem 700.000 podcasts ativos no mundo, 29 milhões de episódios, em 100 línguas. Os cinco gêneros de programas mais populares são: Sociedade e Cultura, Negócios, Comédia, Notícias e Política e Saúde. O maior público consumidor são pessoas com idade entre 25 e 34 anos, 28%, seguido de pessoas de 35 a 44 anos, 21%, e de pessoas com 18 a 24 anos, 18% (EDISON, 2019; IAB, 2018; PWC, 2018; PACIFIC CONTENT, 2018).

5.2. Pesquisa

Ao longo da pesquisa e leitura do material de embasamento teórico, julgou-se necessário melhor entendimento do consumo de podcasts pelo público-alvo do produto, universitários do Distrito Federal, para a criação efetiva de um programa que atingisse e conversasse com este público.

Sendo assim, foi criado um questionário, respondido por 97 pessoas durante o mês de outubro de 2019. Os dados e os gráficos a seguir apresentam algumas das informações adquiridas através do questionário.

O grupo participante da pesquisa tem uma faixa etária de 16 a 31 anos. Dos(as) 97 entrevistados(as), 48.5% são mulheres e 51.5% homens, sendo que 96.9% estavam cursam graduação e os outros 3.1% fazem mestrado.

Quando questionados(as) a respeito do consumo de podcasts, pouco mais da metade dos(as) entrevistados(as) afirmou consumir a mídia (Figura 1). Destes, 24% costuma

consumir com regularidade, enquanto 34% escuta apenas quando algum episódio específico que desperta o interesse (Figura 2).

Figura 1



Fonte: Pesquisa de consumo de podcasts, 2019.

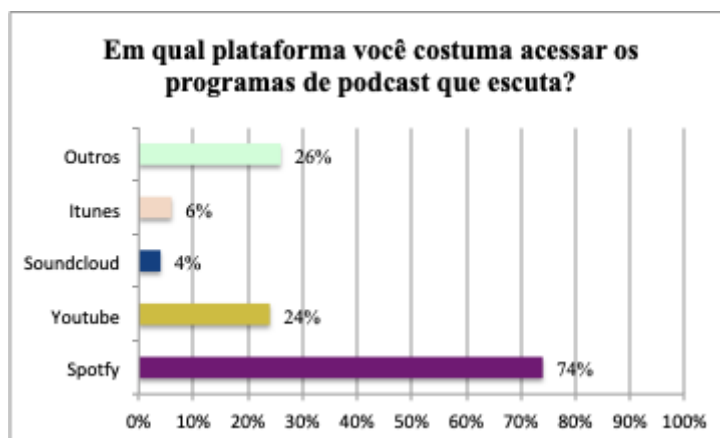
Figura 2



Fonte: Pesquisa de consumo de podcasts, 2019.

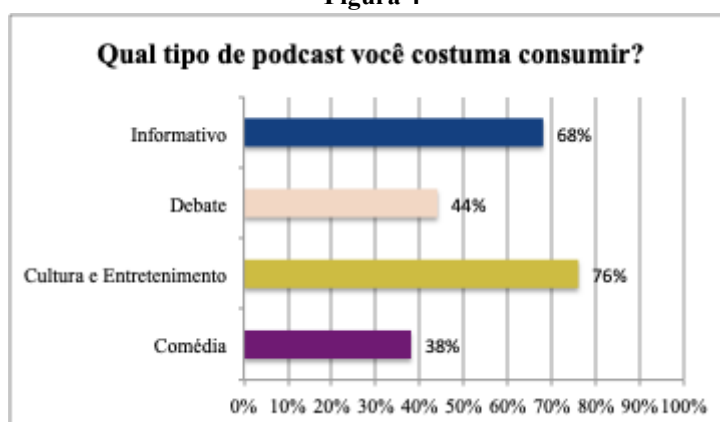
As plataformas de streaming mais utilizadas para consumo são o Spotify e o Youtube (Figura 3). Já os gêneros mais procurados costumam ser cultura e entretenimento e informativo (Figura 4).

Figura 3



Fonte: Pesquisa de consumo de podcasts, 2019.

Figura 4



Fonte: Pesquisa de consumo de podcasts, 2019.

Finalmente, alguns dos podcasts mais recomendados pelos(as) universitários(as) entrevistados foram: *Nerdcast*, produzido pelo blog de humor e notícias Jovem Nerd; o podcast de entretenimento *Um milkshake chamado Wanda*; *Durma com essa*, produzido pela plataforma de notícias Nexo Jornal; *Café da Manhã*, podcast do jornal Folha de São Paulo; o podcast de política da Revista Piauí, *Foro de Teresina*; os podcasts sobre mulheres *Olhares* e *Mamilos*; o podcast sobre jornalismo *Vida de jornalista*; e o podcast de *storytelling* *Projeto Humanos*.

6. PAUTA

6.1. Pornografia

O conceito de pornografia já foi atualizado diversas vezes ao longo dos anos. Em 1986, a Comissão de Pornografia da Procuradoria Geral da República dos Estados Unidos, definiu pornografia como “material predominantemente sexualmente explícito e destinado a fins de excitação sexual” (COMISSÃO DE PORNOGRAFIA DA PROCURADORIA GERAL DA REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS, 1986). Mais recentemente, a pornografia foi definida como qualquer tipo de material destinado a criar ou aumentar pensamentos sexuais no espectador e que contém exposição explícita dos órgãos genitais e atos sexuais (HALD, 2006).

Finalmente, a mais atual definição do termo, publicada no *Oxford English Dictionary*, diz que a pornografia é “material impresso ou visual que contém a descrição ou exibição explícita de órgãos ou atividade sexual, com o objetivo de estimular a excitação sexual”¹¹. Em sua etimologia, o termo vem da junção de “porne”, que significa prostituta, com “graphein”, que designa escrita. A palavra significaria, então “escrevendo sobre prostitutas” (PORNOGRAPHY, 2019).

O consumo de pornografia também evoluiu com o passar do tempo. As representações de sexo e de nudez datam de antes do Império Grego. Há cerca de 2.500 anos, as ruas de Atenas eram enfeitadas com milhares de estátuas de corpos nus, vasos e murais que decoravam as casas com cenas eróticas. Grandes orgias eram realizadas em nome do deus Dionísio¹² e procissões eram marcadas por famílias que erguiam peças fálicas, tratadas como imagens sagradas. Anos depois, livros e revistas eróticas eram sucesso por todo mundo. O conteúdo que tratava de sexo e os “romances para homens”, falavam de adultério, aventuras em prostíbulos ou incestos. Com a chegada do cinema, vieram também os filmes pornográficos. Os mais antigos, como *Free Ride*, são datados por volta de 1915 (LOPES, 2016).

Hoje, o acesso tornou-se muito mais simples. Com a internet, os vídeos pornô têm um alcance maior, além de uma infinidade de equipamentos e programas que facilitam a

¹¹ Traduzido do Inglês.

¹² Dionísio é o antigo deus grego do vinho e das festas, conhecido na mitologia romana como Baco, ele também representava a natureza, a fecundidade, a alegria e o teatro (GILL, 2019).

produção do conteúdo. Qualquer um pode consumir pornografia por celular, computador, televisão, etc. O acesso aos sites é livre, gratuito e não demanda qualquer tipo de cadastro ou identificação do(a) usuário(a).

6.2. A violência contra as mulheres na pornografia

Durante o ano de 2018, o Brasil ficou em 12º na lista dos 20 países que mais acessam o Pornhub, o maior site de conteúdo pornográfico do mundo. Considerando a existência de centenas de outros sites e meios de consumir pornografia, pode-se compreender que o consumo geral de pornografia no Brasil é altíssimo. Esses sites de conteúdo pornográfico têm um número de acesso regular mensal maior do que a Netflix, a Amazon e o Twitter juntos em todo o mundo. As categorias mais acessadas foram “Lésbicas”, “Hentai”, “MILF”¹³, “Madrasta” e “Japonesas” (PORNHUB INSIGHT, 2018).

A socióloga estadunidense Gail Dines, afirma que o acesso tornou-se tão fácil que já foram registrados casos de crianças de 7 a 12 anos, majoritariamente meninos, diagnosticadas com compulsão por pornografia. Mas a questão da pornografia vai além do vício. Dines afirma que “um menino de 11 anos que pesquisa o termo pornografia no Google pode achar que vai ver mulheres nuas, mas encontrará muita brutalidade” (DINES, 2019).

Seria esta, então, a grande preocupação envolvendo a pornografia: os efeitos da superexposição e as consequências do consumo constante.

A professora doutora Valeska Zanello, do departamento de Psicologia Clínica da Universidade de Brasília (UnB), define a pornografia como uma tecnologia de gênero: um produto cultural que representa diferenças de valores e estereótipos de gênero e também promove pedagogias afetivas.

Segundo Zanello, a pornografia seria a principal pedagogia afetiva para os homens, funcionando como uma espécie de “escola de sexo”, o que, segundo ela, seria extremamente prejudicial para o desenvolvimento sexual dos(as) consumidores(as), pois o conteúdo apresenta uma “erogenização da violência”.

¹³ Sigla em inglês que significa “Mom I’d Like to Fuck”, em português, a frase quer dizer “Mãe que eu gostaria de foder”.

Na pornografia, a atividade sexual seria sempre unilateral: a mulher sendo usada para satisfazer os desejos do homem e a gratificação sexual feminina sendo ignorada, e apresentando como clímax das cenas a ejaculação masculina (DINES, 2010).

Uma pesquisa realizada em 2010, pela Universidade do Arkansas, nos Estados Unidos, analisou 304 cenas dos filmes pornográficos mais populares daquele ano. Os(as) pesquisadores(as) constataram que 88% das cenas analisadas apresentavam agressão física contra mulheres e 48% continham agressão verbal (BRIDGES et al., 2010).

Em seu estudo *The Centerfold Syndrome: How men can overcome objectification and achieve intimacy with women* (1995), o professor Gary R. Brooks, observou “distúrbios comportamentais generalizados” apresentados por consumidores(as) de pornografia. Os cinco sintomas que ele observou foram:

- O voyeurismo, desordem sexual que consiste em alcançar o prazer sexual ao observar outras pessoas, nesta situação, mulheres, despidas ou realizando atos sexuais (VOYEURISM, 2019);
- A objetificação das mulheres, o ato de reduzir alguém a um mero objeto, neste caso, a visão de que as mulheres não passam de objetos sexuais (OBJECTIFICATION, 2019);
- A validação, que Brooks define como a necessidade de validar a masculinidade através do relacionamento com mulheres bonitas — que se encaixam nos padrões estéticos impostos pela sociedade;
- O medo de real intimidade, a incapacidade de se relacionar com mulheres de maneira honesta e íntima;
- E o que Brooks chama de *trophyism*, do inglês “trophy”, que quer dizer “troféu”. O termo é definido como a ideia de que mulheres são colecionáveis e seu “acúmulo” destaca a masculinidade de um homem. “A pornografia reforça a mentalidade dos corpos das mulheres como troféus” (BROOKS, 1995).

Hoje, o Brasil é o 5º país com mais casos de feminicídio no mundo, segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos (ACNUDH) e o Mapa da Violência do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), e é impossível não relacionar os dados.

Sugere-se, então, a partir destes estudos, que as taxas de violência apresentadas e relacionadas aos atos sexuais nos vídeos pornôis poderiam ser associadas à grande quantidade

de casos de feminicídio, por contribuírem para a banalização da violência contra as mulheres. Segundo D'Abreu (2013):

Seria, portanto, a pornografia violenta, ou seja, aquela que retrata coerção sexual em material de sexo explícito (Donnerstein *et al.*, 1987), onde há fusão do sexo com agressão, que promoveria a ideologia que sexualidade inclui comportamento abusivo contra a mulher.

Já a violência verbal encontrada, apresenta xingamentos que são usados contra as mulheres e considerados como ofensivos na esfera pública, mas são repetidos como excitantes na esfera privada. Valeska Zanello analisou diversos sites e contos eróticos em seu estudo sobre xingamentos e percebeu que 80% dos termos considerados como agressão verbal usados para excitar durante a relação sexual são relacionados a mulheres. Sendo que 60% no conteúdo analisado são proferidos por homens contra mulheres, mas nos outros 40%, as mulheres referem-se a si mesmas com esses xingamentos, como forma de sedução. Já nas situações nas quais os homens são o alvo da agressão verbal, os xingamentos direcionados a eles são proferidos por outros homens. Segundo Zanello (2008):

Quando relacionados aos homens, esses xingamentos têm caráter sexual passivo, tais como 'boiola', 'viadinho', 'corno', etc. Já quando relacionados às mulheres, os xingamentos têm caráter sexual ativo, tais como 'puta', 'prostituta', 'piriguete', 'piranha', 'galinha', etc.

Ainda de acordo com a psicóloga, situações como esta são comuns, pois a sociedade é constituída de dispositivos de controle social: estereótipos, padrões e regras culturais que seriam impostas aos homens e às mulheres.

Para as mulheres, esta seria “a ideia de que as mulheres se subjetivam, na cultura brasileira, à ‘Prateleira do Amor’”, que é ao que Zanello se refere como dispositivo amoroso. Este seria o “dispositivo de controle social” que ensina as mulheres a se sentirem válidas apenas ao serem escolhidas por um homem, baseando todas as suas escolhas na aprovação masculina.

As mulheres estariam, então, sujeitas a buscar o alcance dos padrões que marcam o ideal estético e comportamental da “Prateleira do Amor”, que foi construído do século

passado para cá: a mulher branca, loura, magra e jovem. As mulheres que se encaixam nesses padrões estariam na melhor posição da prateleira, mas ainda inferiores aos homens. No pior lugar, estariam as mulheres negras, velhas e/ou gordas. Estas mulheres são vistas apenas como passivas de serem objetivadas sexualmente pelo universo masculino e não como dignas de afeto.

6.3. Pornografia e feminismo

O movimento feminista tomou corpo no final do século XIX, como um movimento de “defesa dos direitos das mulheres com base na igualdade dos sexos” (FEMINISM, 2019). Segundo Céli Regina Jardim Pinto, porém, manifestações de mulheres que lutavam por seus direitos já existiam desde muito antes (2010):

Ao longo da história ocidental sempre houve mulheres que se rebelaram contra sua condição, que lutaram por liberdade e muitas vezes pagaram com suas próprias vidas. A Inquisição da Igreja Católica foi implacável com qualquer mulher que desafiasse os princípios por ela pregados como dogmas insofismáveis. Mas a chamada primeira onda do feminismo aconteceu a partir das últimas décadas do século XIX, quando as mulheres, primeiro na Inglaterra, organizaram-se para lutar por seus direitos, sendo que o primeiro deles que se popularizou foi o direito ao voto.

Hoje, trata-se de “um movimento político que luta pela libertação da mulher” (QG FEMINISTA, 2019). O feminismo é representante da luta das mulheres em busca de seu espaço na sociedade e de direitos que vão dos mais visíveis, como a luta pelo direito à vida e contra a violência e abuso sexual contra as mulheres, até os mais velados, como a liberdade para falar sobre o próprio corpo sem sentir-se envergonhada ou vulgar.

Ao longo do tempo, o movimento tornou-se mais estruturado e diverso e passou a se organizar em diferentes vertentes, relacionadas às crenças e às reivindicações de grupos específicos dentro do feminismo (QG FEMINISTA, 2019). Algumas destas vertentes são o Feminismo Liberal, Feminismo Radical e Feminismo Negro.

O *blog* Biblioteca Feminista explica o Feminismo Liberal e como movimento que:

Defende que a mulher é um ser plenamente capaz de expressar suas escolhas e capacidades, devendo buscar livremente a equidade com o gênero masculino através de suas próprias ações, sem desconsiderar o direito de livre associação se assim necessário ou desejado. Não obstante, o feminismo liberal busca também obter a efetividade desta liberdade e expressão equânime de capacidade através de reformas legais e políticas sempre que houver disparidade de tratamento jurídico ou social entre homens e mulheres que coloque estas em posição de desvantagem.

O mesmo veículo também explica o Feminismo Radical como um movimento totalmente centrado nas mulheres, resultando em um feminismo feito por mulheres para mulheres. Segundo o *blog*:

Para elas, mulheres, como grupo social, são oprimidas por homens, também como grupo social e que essa é uma opressão primária para mulheres. Ou seja, para elas, seguindo a filosofia de Simone De Beauvoir, as mulheres sofrem com a socialização a partir do nascimento, de forma que segundo sua teoria, somos dominadas por conta de nossos aparelhos reprodutivos e capacidade de reprodução, ou seja, usam isso contra as mulheres.

Por fim, a Biblioteca Feminista também explica o Feminismo Negro, apresentando-o como um segmento do movimento “protagonizado por mulheres negras, com o objetivo de promover e trazer visibilidade às suas pautas e reivindicar seus direitos”, que surgiu pois:

O Movimento Negro tinha sua face sexista, as relações de gênero funcionavam como fortes repressoras da autonomia feminina e impediam que as ativistas negras ocupassem posições de igualdade junto aos homens negros; por outro lado, o Movimento Feminista tinha sua face racista, preterindo as discussões de recorte racial e privilegiando as pautas que contemplavam somente as mulheres brancas.

A pornografia, como um meio que envolve diretamente as mulheres, é foco de várias discussões no movimento, mas o assunto causa divergência de opiniões, principalmente, entre as vertentes do Feminismo Radical e Liberal, visto que as duas têm visões muito diferentes a respeito do corpo das mulheres.

Assim, as mulheres que se identificam com o Feminismo Liberal são a favor da regulamentação da prostituição e da pornografia como trabalhos comuns, pois acreditam que

as mulheres têm total liberdade sobre o próprio corpo e podem escolher vendê-lo e usá-lo como bem entenderem, desde que com consentimento (ALVARENGA, 2018).

Surge, assim, a ideia da “pornografia feminista”, que tem a proposta de ser uma alternativa mais “saudável” para o pornô tradicional. Desta forma, esse tipo de pornografia apresentaria um protagonismo feminino, ao invés de cenas controladas por homens, assim como atrizes com corpos mais realistas (MURARO, 2018).

A professora de Cinema e Audiovisual pela Universidade Federal Fluminense (UFF) Mariana Baltar é uma das principais estudiosas do “ pornô feminista” no Brasil. Segundo a pesquisadora (2018):

É importante perceber a pornografia como um campo complexo e fértil para refletir sobre as dinâmicas e tensões (tecnológicas, discursivas e culturais) da sociedade e da cultura midiática, como um todo, e do audiovisual em particular. Por outro lado, o interesse geral pela pornografia se dá em conjunto com o interesse crescente pela questão do corpo. Pornografia diz respeito a esses corpos em ação mobilizando desejos e prazeres.

Baltar defende seu posicionamento utilizando uma fala do professor Richard Dyer publicada em um artigo da *Jump Cut* ¹⁴ em 1985: “A defesa da pornografia como gênero deve ser baseada na ideia de que uma arte enraizada nos efeitos corporais nos pode dar um saber sobre o corpo que outras artes não podem” (DYER, 1985). A partir disso, ela afirma (2018):

Hoje em dia, a pornografia nos fornece esse saber sobre o corpo — só que é um saber principalmente mau, reforçando os piores aspectos da construção social da masculinidade que homens aprendem a experimentar nos seus corpos.

O caso é que, enquanto a ideia de produzir vídeos eróticos focados nas mulheres e nos desejos das mulheres pode ser atrativa, a indústria pornográfica é majoritariamente controlada e consumida por homens, em uma sociedade ainda muito machista. Sendo assim, mesmo aquilo que seria produzido com o intuito de empoderar mulheres, ainda seria consumido por aqueles que as objetificam.

¹⁴ Revista on-line que cobre a análise de filmes, televisão, vídeo e outras mídias.

Segundo o Feminismo Radical, não bastaria o empoderamento das mulheres, pois a nossa sociedade, que valoriza o sexo masculino em prejuízo do feminino, já têm consolidadas suas normas opressoras e seus “dispositivos de controle social”. Assim, seria mais provável que as normas e padrões afetem as mulheres antes que elas consigam se empoderar (ALVARENGA, 2018).

Finalmente, a questão da pornografia ainda gera muitas discordâncias dentro e fora do movimento feminista, mas uma coisa é clara: ainda existem muito poucos produtos culturais que representam a sexualidade feminina, criado pelas próprias mulheres — não necessariamente pornografia, mas livros e filmes que abordam a sexualidade das mulheres sem objetificá-las.

Nos 100 filmes de maior bilheteria em Hollywood em 2018, as mulheres representavam apenas 4% dos(as) diretores(as), 15% dos(as) roteiristas, 3% dos(as) diretores(as) de fotografia e 18% dos produtores(as). E nos 100 melhores filmes do mesmo ano, as mulheres foram protagonistas ou co-protagonistas em 40 filmes, em apenas 11 destes filmes as mulheres eram negras e apenas em outros 11 as protagonistas tinham 45 anos de idade ou mais.

Na televisão estadunidense, as mulheres representaram 31% de todos(as) os(as) criadores(as), diretores(as), roteiristas(as), produtores(as), produtores(as) executivos(as), editores(as) e diretores(as) de fotografia que trabalham em programas de rede de transmissão, cabo e *streaming* (WOMEN AND HOLLYWOOD, 2019).

O que se tem são produtos culturais de representação feminina feitos por homens. Estes produtos acabam sendo exatamente o ponto de embasamento das mulheres na relação com o próprio corpo e com a própria sexualidade (ZANELLO, 2019).

6.4. Pesquisa

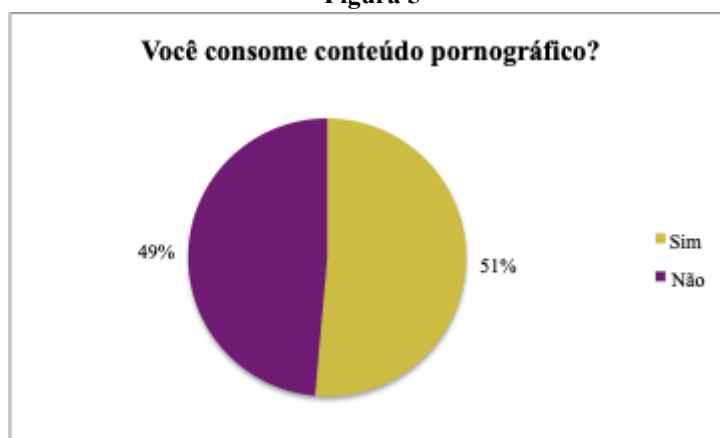
Durante a apuração da pauta e da pesquisa sobre pornografia para produção dos episódios, julgou-se interessante a realização de enquetes para melhor compreensão do consumo de pornografia por brasileiros.

Sendo assim, foi realizado um questionário, respondido anonimamente por 70 pessoas durante o mês de outubro de 2019. Os dados e gráficos a seguir apresentam parte das informações adquiridas através das entrevistas.

O grupo participante da pesquisa tem uma faixa etária de 16 a 38 anos. Dos(as) 70 entrevistados(as), 64.3% são mulheres e 35.7% homens.

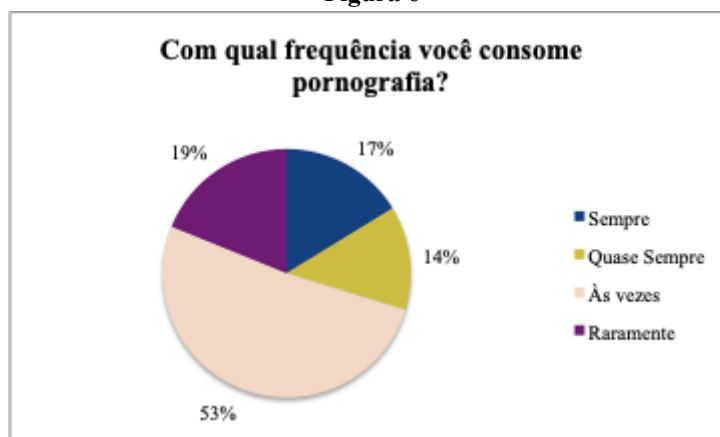
Quando questionados(as) a respeito do consumo de vídeos pornográficos, 51.4% dos(as) entrevistados(as) afirmou consumir pornografia (Figura 5). Destes, apenas 16.7% disse consumir com regularidade, enquanto a maioria, 52.8%, consome apenas às vezes (Figura 6).

Figura 5



Fonte: Pesquisa de consumo de pornografia, 2019.

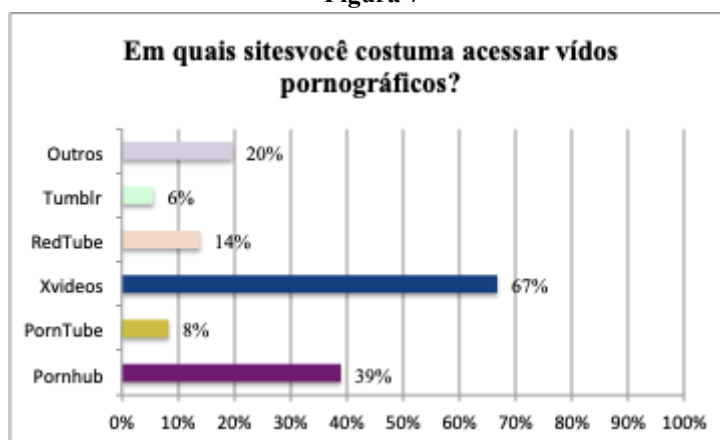
Figura 6



Fonte: Pesquisa de consumo de pornografia, 2019.

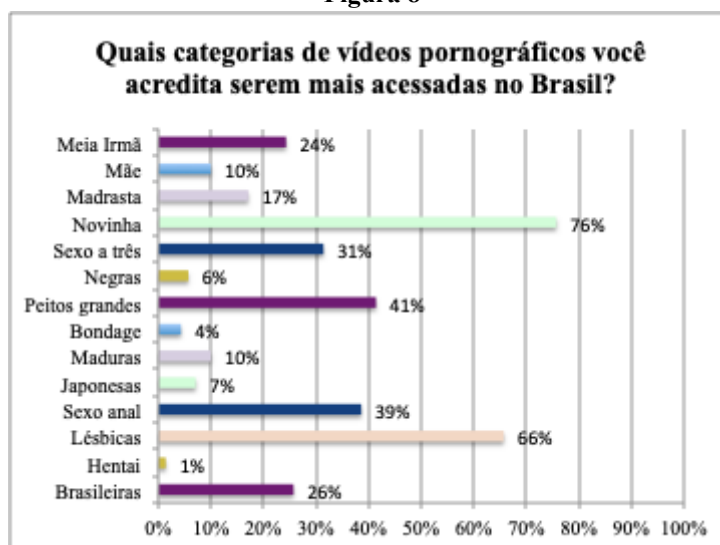
Os sites pornôns mais acessados para consumo são o Xvideos e o Pornhub (Figura 7) e as categorias mais procuradas costumam ser “Lésbicas”, “Amador” e “Sexo Oral”. Já as categorias que os(as) entrevistados(as) julgaram ser as mais pesquisadas foram “Novinhas”, “Lésbicas” e “Brasileiras” (Figura 8).

Figura 7



Fonte: Pesquisa de consumo de pornografia, 2019.

Figura 8



Fonte: Pesquisa de consumo de pornografia, 2019.

Nos questionários também foram coletadas algumas opiniões dos(as) entrevistados(as) a respeito do tema. A pergunta realizada foi “Qual seu posicionamento quanto a posição da mulher na indústria pornográfica?”. Estas foram algumas das respostas:

“Acredito que pornografia é estupro pago e que não se trata de uma escolha da mulher estar ali. Consentimento não pode ser comprado, principalmente dentro de uma sociedade machista e patriarcal que acredita que pode, de qualquer forma, ter acesso aos corpos de mulheres. Como indivíduos secundários dentro da sociedade, na pornografia as mulheres também são exploradas e submetidas à opressão. Fora que, na pornografia ressaltam-se estereótipos de gênero e raça em níveis absurdos, que fora daquele contexto muito provavelmente não seriam socialmente aceitos”. Mulher, 23 anos, não consome

pornografia.

“Sou contra. Acredito que a grande maioria dos conteúdos colocam as mulheres em situações degradantes, ou expostas de uma maneira exagerada. Acho que as atrizes recebem muito pouco frente ao lucro das produtoras/sites, e na grande maioria das vezes, optam pela carreira e fecham contratos quando ainda são muito novas, sem ter uma visão ou consciência maior do que a participação em filmes do tipo pode ocasionar ao longo do tempo.

O conteúdo final, também, não é nivelado para o consumo feminino, e na maioria das vezes, produzido por homens. Acho que as atrizes ficam muito mais expostas que os atores”. Mulher, 25 anos, não consome pornografia.

“Qualquer ser humano é livre pra decidir fazer o que quiser desde que não interfira na vida de outra pessoa”. Homem, 24 anos, consome pornografia.

“Penso que, para a mulher, como indivíduo na sociedade, é um trabalho digno (voluntário, remunerado etc), mas não é saudável para as relações de gênero na sociedade”. Homem, 21 anos, consome pornografia.

“A situação é a mais medíocre existente para a maioria esmagadora, porém acho que estar na indústria é uma escolha consciente da mulher que segue carreira ali. A não ser que saia da ‘atuação’ e vá para a direção... Mas mesmo assim muitas diretoras de filmes repetem os padrões estéticos e de comportamento sexual que os diretores homens fazem há décadas — até porque os estúdios são comandados por homens e criam um ideal de sexo segundo as mentes atrasadas deles”. Mulher, 26 anos, consome pornografia.

“Vejo como uma questão complexa e, em alguma medida, análoga à prostituição, pois essas mulheres estão, de alguma maneira, trabalhando com sexo em troca de dinheiro. Embora o ambiente da indústria pornográfica ofereça menos riscos imediatos — se comparado à situação de rua das garotas de programas — não se pode desconsiderar a existência de problemas como machismo, objetificação, consumo de drogas, estupro, assédio (psicológico, moral e físico), além da imposição de padrões estéticos (incluindo padrões especificamente direcionados para a genitália das atrizes), solidão, vulnerabilidade emocional e o peso do estigma, quando há interesse em tentar uma mudança de carreira. Em contrapartida é preciso pontuar a autonomia e o desejo espontâneo que algumas dessas mulheres têm em fazer parte da indústria pornográfica, encarando o trabalho com naturalidade e realização”. Homem, 31 anos, consome pornografia.

7. METODOLOGIA

7.1. Pauta

Este trabalho surgiu pela relevância do tema, o grande papel da pornografia na perpetuação da objetificação e da violência contra as mulheres e pelo meu interesse com assunto ligados aos estudos de gênero e a questões da mulher.

Desde o princípio, o objetivo era produzir uma série de podcasts, sem número de episódios definido, que contasse como uma roda de conversa sobre pornografia e trouxesse mais informações a respeito do tema. A roda de conversa seria constituída por pesquisadoras e especialistas, assim como outras mulheres com posicionamentos fortes sobre o assunto. A ideia era de, ao final, publicar o produto em plataformas de *streaming*, como o Spotify.

Após o acordo do tema e produto com a professora orientadora, deu-se início à apuração.

7.2. Apuração

A apuração do projeto, durou aproximadamente dois meses e consistiu em estudar a estrutura e a história dos podcasts, com o intuito de entender a melhor estratégia de produção e o melhor formato para realização do produto final.

Para isto, utilizou-se a bibliografia apresentada neste memorial como embasamento teórico. Também foi realizado um questionário, distribuído através da plataforma Google Forms, para auxiliar na compreensão do público-alvo e, assim, criar um programa que o alcance de maneira efetiva.

Além disso, também foram utilizados como inspiração para o *Coisa de mulher* os podcasts *Café da Manhã*, da Folha de São Paulo; *O Assunto* e *Papo de política*, do G1; *Olhares*, apresentado pela advogada Aline Hack e pela bibliotecária e arquiteta da informação Louise Arruda; e *Mamilos*, apresentado pelas jornalistas Juliana Wallauer e Cris Bartis.

A partir desses estudos, foi possível decidir o melhor modelo a ser utilizado no programa, no formato de bate-papo, o número de episódios, assentados como três, o tempo de duração de cada um dos episódios, cerca de 20 ou 30 minutos, e como a pauta seria dividida entre eles.

Ao escutar e analisar alguns podcasts que seguiam o modelo pretendido para o *Coisa de mulher*, percebeu-se que a grande maioria usava seu primeiro episódio como um programa introdutório, para apresentação dos(as) locutores(as) e melhor definição dos temas tratados. Assim, decidiu-se que o primeiro episódio seria o capítulo de introdução do programa e um pouco mais curto. Nos outros dois, foi decidido que cada um contaria com a participação de uma convidada que pudesse acrescentar à discussão, com o programa no formato entrevista bate-papo.

Com o planejamento da estrutura do programa pronto, focou-se na apuração para a pauta dos episódios, a pornografia. Assim, procurei estudar sobre o tema, para compreender melhor as discussões e as divergentes opiniões que o envolvem. Aqui, mais uma vez, foi realizado um questionário disponibilizado no Google Forms para melhor compreensão do consumo de pornografia. Passei a buscar, também, possíveis fontes para o programa: mulheres que entendiam do assunto e estariam dispostas a participar das gravações.

As primeiras opções, foram as professoras e pesquisadoras Mariana Baltar e Érica Sarmet, mas, como estas não são residentes do Distrito Federal, o encontro mostrou-se impossível. Iniciou-se, então, uma procura por profissionais e pesquisadoras de Brasília que poderiam falar sobre o tema. Desta forma, chegou-se, no segundo episódio, à professora doutora de Psicologia Clínica Valeska Zanella e, no terceiro, à estudante de jornalismo Ester Cezar.

7.3. Produção

A produção do *Coisa de mulher* foi realizada ao longo do mês de outubro. O roteiro do primeiro episódio, tratando-se de uma apresentação, foi redigido para representar o programa por completo. Já os roteiros do segundo e terceiro episódios foram redigidos para funcionar como guias, que permitissem o acesso de informações que poderiam ajudar durante a conversa, mas que não limitassem a fluidez do programa.

A ideia era apresentar um programa despojado e informal, que atraísse ouvintes jovens ao tratar de assuntos mais sérios e polêmicos. Assim, o texto foi escrito de maneira a refletir este propósito, com palavreado simples e entonação descontraída.

Foi criado, nos roteiros, um padrão de abertura e fechamento dos programas. Iniciando sempre com uma breve saudação: “Bom dia, boa tarde, boa noite! Começa agora

mais um episódio do nosso podcast *Coisa de mulher!*”. E finalizando com a assinatura: “Muito obrigada e até a próxima *Coisa de mulher!*”.

Os episódios foram, então, gravados no Laboratório de Rádio da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC-UnB). Para o primeiro, utilizou-se das ilhas de edição disponíveis para os estudantes, os outros dois foram gravados no estúdio de rádio com o auxílio dos técnicos da faculdade.

Os segundo e terceiro episódios foram gravados de forma corrida, como uma conversa, sem intervenção ou pausa dos técnicos, enquanto o primeiro foi gravado e regravado até que se alcançasse a melhor versão dos áudios. Cada episódio levou cerca de uma hora para ser gravado.

7.4. Edição

A edição do podcast *Coisa de mulher* foi feita no final do mês de outubro e se estendeu até o começo de novembro, paralelamente à redação deste memorial.

Primeiramente, as gravações cruas eram estudadas para entender o material obtido. Procurou-se manter o conteúdo dos episódios gravados com as convidadas com o menor número de cortes possível, buscando trazer a conversa em sua íntegra. Nestes episódios, foram cortadas apenas algumas repetições e/ou falhas na gravação.

Com os áudios selecionados e devidamente montados, trabalhou-se na construção do ambiente sonoro dos episódios. Uma música tema para o podcast foi escolhida para ser utilizada em todos os episódios, a canção *Cats and Gats*. Além de funcionar como *jingle* de introdução e encerramento, a música também é empregada como som ambiente e de divisão ao longo dos programas.

No primeiro episódio também foi aplicado um outro recurso sonoro: uma série de manchetes, coletadas da plataforma G1, site de notícias da Rede Globo, com sonoras de chamadas sobre violência contra mulheres e feminicídio, de programas que foram ao ar no ano de 2019.

Finalmente, a edição cuidou de alguns detalhes para melhoria do produto final, como o tratamento dos áudios gravados, buscando igualar os volumes e eliminar os agudos.

8. ESTRUTURA E APRESENTAÇÃO

O *Coisa de mulher* é um podcast sobre mulheres, criado com o intuito de debater a respeito do lugar que as mulheres ocupam na sociedade atual. Aborda assuntos que vão desde cinema e música até política e pornografia, trazendo sempre o olhar feminista para as discussões.

Assim, o nome foi escolhido para representar a ideia de que todos os diversos assuntos abordados no programa são importantes, relacionados e têm influência na vida das mulheres, pois as mulheres, como membros ativos da sociedade, são agentes e receptores das consequências de todos os produtos sociais e culturais. O *Coisa de mulher*, como meio de comunicação, tem por objetivo estudar e informar a sociedade sobre as variadas “coisas de mulheres” presentes na nossa cultura.

O podcast será constituído por edições mensais que irão abordar uma pauta específica, escolhida com base nos acontecimentos da atualidade e em discussões relevantes para as mulheres e para o movimento feminista, sempre com participação do público.

Após a definição do assunto e da estrutura do programa, foi criada uma identidade visual para o projeto, apresentando uma paleta de cores (Figura 9) e logo (Figura 10).

Figura 9



Fonte: Identidade visual do *Coisa de mulher*, 2019.

Figura 10



Fonte: Identidade visual do *Coisa de mulher*, 2019.

Para facilitar o contato com os ouvintes e ajudar na divulgação dos episódios e no compartilhamento de informações sobre o tema, foi criado um perfil na rede social Instagram para o podcast ¹⁵, com o mesmo nome do programa, *Coisa de mulher*, e o *username* @coisademulherpodcast. Durante a produção da primeira edição, apresentada neste memorial, foram feitos seis *posts*, sendo três deles postagens introdutórias, de apresentação do podcast, e os outros três postagens para divulgação da primeira edição do programa, após este estar disponível on-line nas plataformas de *streaming*, anunciando o tema e as convidadas, Ester Cezar e Valeska Zanello, e chamando os seguidores para ouvir os episódios.

O primeiro episódio possui aproximadamente 10 minutos e foi gravado como uma apresentação do programa, explicando as motivações para a criação de um podcast sobre mulheres. O segundo é o mais longo, com cerca 32 minutos de duração. Ele conta com a participação da Professora Doutora Valeska Zanello, do departamento de Psicologia Clínica da Universidade de Brasília (UnB). Já o terceiro tem 22 minutos de duração e conta com a presença de Ester Cezar, estudante de jornalismo pela Faculdade de Comunicação da UnB.

Durante a edição, decidiu-se utilizar o auxílio de efeitos sonoros e música para construção do ambiente sonoro nos episódios. A música *Cats and Gats*, produzida por Dyalla e adquirida na Biblioteca de áudio do Youtube, foi escolhida para tema do programa. No primeiro episódio, também foram adicionadas chamadas de matérias divulgadas nos canais da Rede Globo relacionadas à violência contra as mulheres.

Por fim, os episódios foram publicados nas plataformas Spotify ¹⁶, Deezer ¹⁷ e

¹⁵ Disponível em: <<https://www.instagram.com/coisademulherpodcast/>>.

¹⁶ Disponível em: <<https://open.spotify.com/show/552FCgfvuYWjTJ4IwrbMle>>.

Soundcloud¹⁸ e disponibilizados para consumo do público geral.

¹⁷ Disponível em: <<https://www.deezer.com/us/show/688622>>.

¹⁸ Disponível em: <<https://soundcloud.com/coisademulher>>.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este projeto de conclusão de curso surgiu a partir da ideia de criar um espaço de informação e debate acessível para, cada vez mais, ampliar a voz das mulheres.

Transmitir o conteúdo através de um podcast foi uma decisão tomada devido ao grande crescimento da mídia nos últimos dois anos, além de, aparentemente, tratar-se de um veículo novo e, portanto, pouco estudado e analisado no currículo do curso de jornalismo.

Porém, ao longo da produção do trabalho, aprendi que apesar do podcast realmente ser mais atual do que outros meios, como a televisão ou o rádio, não se trata de um lançamento recente. O primeiro podcast surgiu em 2004 e, desde o princípio, o veículo foi usado como ferramenta jornalística. Assim, percebi que, com 15 anos de idade, a suposta novidade não era tão nova assim.

Pesquisando a respeito de podcasts, notei que durante minha graduação na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC-UnB), apesar de ter adquirido muito conhecimento, não tive nenhum tipo de treinamento ou aula relacionado a podcasts.

Tivemos, sim, matérias voltadas para a produção em rádio, mas, como aprendi no decurso desta produção, podcast e rádio, apesar de similares, não são construídos da mesma maneira, o que demandaria de um estudo mais aprofundado especificamente em podcasts. Ainda assim, o único contato direto que tive com a produção de podcasts foi quando participei do jornal laboratório Campus Multimídia, no qual, por iniciativa dos estudantes, produzimos alguns episódios do *Campuscast* ao longo do semestre.

Acredito que uma mídia que se encontra em crescimento e, principalmente, que ocupa um papel de destaque na produção jornalística atual, merece a devida atenção no currículos dos cursos de jornalismo. A comunicação, afinal, está em constante avanço e a formação dos futuros profissionais do ramo deveria acompanhar as mudanças.

Também durante o estudo, notei que o podcast é um espaço mais descontraído e aberto, não apenas para o(a) ouvinte, mas também para o(a) jornalista que o apresenta. Na majoritariedade dos programas que estudei, percebi uma liberdade e um conforto maior do(a) jornalista em exprimir suas opiniões.

Ainda que a total imparcialidade seja algo inexistente, há uma demanda de que jornalistas não tenham, ou apresentem, ideias e opiniões. Por isso, acredito que o podcast permita que estas particularidades sejam expostas sem qualquer prejuízo às informações

transmitidas e/ou à compreensão do(a) ouvinte, utilizando-se de entrevistados(as), pesquisas, fontes e dados para embasar suas falas.

Sendo assim, em programas que abordam assuntos mais polêmicos, os podcasts permitem uma participação mais aprofundada do(a) jornalista na discussão e não apenas a mediação externa do debate, podendo, então, acrescentar ainda mais à pauta.

No caso dos episódios sobre pornografia do *Coisa de mulher*, pude me envolver nas discussões com as convidadas, conseguindo, assim, acrescentar ainda mais profundidade à discussão.

Acredito que a interpretação do(a) jornalista é tão importante quanto a informação que ele(a) transmite. O nosso dever é passar todas as informações e deixar claro que ali estão os dados factuais, e a interpretação deles, para que o(a) ouvinte ou espectador(a) possa tirar suas próprias conclusões a partir daí.

10. BIBLIOGRAFIA

ALVARENGA, C. “Feminismo não existe só um! Conheça e entenda suas vertentes”. Delas: 04 ago. 2018. Disponível em:

<<https://delas.ig.com.br/comportamento/2018-08-04/tipos-de-feminismo-explicados.html>>.

Acesso em: 19 out. 2019.

ALVES, S. “Pesquisa da Deezer mostra que consumo de podcasts subiu 67% no Brasil”. B9: 21 out. 2019. Disponível em:

<<https://www.b9.com.br/116179/pesquisa-da-deezer-mostra-que-consumo-de-podcasts-subiu-67-no-brasil/>>. Acesso em: 21 out. 2019.

BALTAR, M. “A pornografia é um lugar de reflexão sobre a sociedade”. Hysteria: 04 dez. 2018. Matéria escrita por Mariana Filgueiras. Disponível em:

<<https://hysteria.etc.br/ler/a-pornografia-e-um-lugar-de-reflexao-sobre-a-sociedade/>>. Acesso em: 19 out. 2019.

BARROS, L. “A era de ouro dos podcasts: entenda o boom dos programas de áudio on-line”. O Globo: 21 abr. 2019. Disponível em:

<<https://oglobo.globo.com/cultura/a-era-de-ouro-dos-podcasts-entenda-boom-dos-programas-de-audio-on-line-23612273>>. Acesso em: 17 out. 2019.

BIBLIOTECA FEMINISTA. 2019. Disponível em:

<<https://abibliotecafeminista.wordpress.com/>>. Acesso em: 19 out. 2019.

BOTTENTUIT JUNIOR, J. B., & Coutinho, C. P. “Podcast em educação: um contributo para o estado da arte”. In: Revista Galego-Portuguesa de Psicoloxía e Educación. 2007. Braga.

Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/7094/1/pod.pdf>>.

Acesso em: 17 out. 2019.

BRIDGES, A. J., WOSNITZER, R., SCHARRER, E., SUN, C., & LIBERMAN, R.

“Aggression and sexual behavior in best-selling pornography videos: A content analysis

update”. *Violence against Women*, 16, 1065–1085. 2010.

BROOKS, G. R. “The Jossey-Bass social and behavioral science series. The centerfold syndrome: How men can overcome objectification and achieve intimacy with women”. Jossey-Bass, 1995.

CAFÉ DA MANHÃ. Apresentadores: Rodrigo Vizeu e Magê Flores. Folha de São Paulo, 26 dez. 2019. Podcast. Disponível em:
<<https://open.spotify.com/show/6WRTzGhq3uFxmrxHrHh1lo>>. Acesso em: 28 out. 2019.

COMISSÃO DE PORNOGRAFIA DA PROCURADORIA GERAL DA REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS. 1986. Washington, DC. Government Printing Office. Disponível em:
<<https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=mdp.39015058809065&view=1up&seq=237>>. Acesso em: 27 out. 2019.

D’ABREU, Lylla Cysne Frota. “Pornografia, desigualdade de gênero e agressão sexual contra mulheres”. *Psicol. Soc.*, Belo Horizonte, v. 25, n. 3, p. 592-601, 2013. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822013000300013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 out. 2019.

DARZI, R. “Conheça as principais diferenças entre rádio e podcast”. IMMA Internet Marketing Management - Agência digital: 26 jun. 2019. Disponível em:
<<https://agenciaimma.com.br/conheca-as-principais-diferencas-entre-radio-e-podcast/>>. Acesso em: 17 out. 2019.

DINES, G. “Pornland: How porn has hijacked our sexuality”. Boston, MA: Beacon Press. 2010.

DINES, G. ““Pornografia está criando uma geração de homens violentos”, afirma socióloga”. Folha de São Paulo: 17 mai. 2019. Matéria escrita por Bianka Vieira. Disponível em:
<<https://www1.folha.uol.com.br/seminariosfolha/2019/05/pornografia-esta-formando-geracao-de-homens-violentos-afirma-especialista.shtml>>. Acesso em: 20 out. 2019.

DONNERSTEIN, E., LINZ, D., & PENROD, S. “The question of pornography: Research findings and policy implications”. New York: Free Press. 1987.

DYER, R. “Male gay porn: Coming to terms”. Jump cut: 30 mar. 1985. Disponível em: <<https://www.ejumpcut.org/archive/onlinessays/JC30folder/GayPornDyer.html>>. Acesso em: 20 out. 2019.

EDISON RESEARCH. “The Infinite Dial 2019”. Estados Unidos: 2019. Disponível em: <<https://www.edisonresearch.com/wp-content/uploads/2019/03/Infinite-Dial-2019-PDF-1.pdf>>. Acesso em: 25 de out. 2019.

FEMINISM. Dicionário on-line do Oxford University Press (OUP), 2019. Disponível em: <<https://www.lexico.com/en/definition/feminism>>. Acesso em: 15 out. 2019.

FRIEDMAN, T. “‘A tecnologia está evoluindo mais rápido do que a capacidade humana’, diz Friedman”. Época: 01 mar. 2018. Matéria escrita por Daniela Frabasile. Disponível em: <<https://epocanegocios.globo.com/Tecnologia/noticia/2018/03/tecnologia-esta-evoluindo-mais-rapido-do-que-capacidade-humana-diz-friedman.html>>. Acesso em: 12 out. 2019.

GILL, N.S. “Dionysus: The Greek God of Wine and Drunken Revelry”. ThoughtCo: 18 fev. 2019. Disponível em: [thoughtco.com/dionysus-greek-god-of-wine-and-drunken-revelry-111907](https://www.thoughtco.com/dionysus-greek-god-of-wine-and-drunken-revelry-111907). Acesso em: 25 out. 2019.

HALD, G. M. “Gender differences in pornography consumption among young heterosexual Danish adults”. Archives of Sexual Behavior, 35: 2006. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/6756843_Gender_Differences_in_Pornography_Consumption_among_Young_Heterosexual_Danish_Adults>. Acesso em: 25 out. 2019.

IAB. “The Second Annual Podcast Revenue Study by IAB and PwC: An Analysis of the Largest Players in the Podcasting Industry”. Estados Unidos: 2018. Disponível em:

<<https://www.iab.com/insights/the-second-annual-podcast-revenue-study-by-iab-and-pwc-an-analysis-of-the-largest-players-in-the-podcasting-industry/>>. Acesso em: 25 de out. 2019.

LOPES, M.A. “A (indiscreta) história da pornografia”. Superinteressante: 31 out. 2016. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/historia/a-indiscreta-historia-da-pornografia/>>. Acesso em: 26 out. 2019.

LUIZ, L.; ASSIS, P. “O crescimento do podcast: origem e desenvolvimento de uma mídia da cibercultura”. In: SIMPÓSIO NACIONAL DA ABCIBER, 3., 2009, São Paulo. Anais... São Paulo: Programa de Mestrado em Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM, 2009. 1 CD-ROM.

MACK, S.; RATCLIFFE, M. “Podcasting Bible”. Indianapolis: Wiley, 2007.

MAMILOS. Apresentadoras: Juliana Wallauer e Cris Bartis. B9, 14 nov. 2014. Podcast. Disponível em: <<https://open.spotify.com/show/39IqvZCSC52QAehb4b4aaR>>. Acesso em: 28 out. 2019.

MEDEIROS, M.S.D. “Podcasting: produção descentralizada de conteúdo sonoro”. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28. 2005. Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/84071885084469832222151638470992010359.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2019

MEDEIROS, M.S.D. “Podcasting: Um Antípoda Radiofônico”. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29. 2006. Brasília. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/109425410741320594702700363707183744831.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2019

MÍDIA EM FOCO. “Cenário promissor ou formato ultrapassado?”. Participantes: Leandro Iamin, Lucio Luiz e Thiago Barbosa. TV Brasil (EBC), 03 set. 2018. Podcast. Disponível em: <<http://tvbrasil.ebc.com.br/midia-em-foco/2018/08/podcast>>. Acesso em: 15 out. 2019.

MURARO, C. “Pornô feminista ganha espaço no mercado de filmes adultos do Brasil:

‘Mulheres também gostam de sexo’”. G1, 24 mai. 2018. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/porno-feminista-ganha-espaco-no-mercado-de-filmes-adultos-do-brasil-mulheres-tambem-gostam-de-sexo.ghtml>>. Acesso em: 19 out. 2019.

O ASSUNTO. Apresentadora: Renata Lo Prete. G1, 21 ago. 2019. Podcast. Disponível em:

<<https://open.spotify.com/show/4gkKyFdZzkv1eDnlTVrguk>>. Acesso em: 28 out. 2019.

OBJECTIFICATION. Dicionário on-line do Oxford University Press (OUP), 2019.

Disponível em: <<https://www.lexico.com/en/definition/objectification>>. Acesso em: 15 out. 2019.

PACIFIC CONTENT. “I tracked Apple’s Top 200 Podcasts for an entire year. Here’s what I found”. Estados Unidos: 5 de mar. 2018. Disponível em:

<<https://blog.pacific-content.com/i-tracked-apples-top-200-podcasts-for-an-entire-year-here-s-what-i-found-c4e450266a1e>>. Acesso em: 25 de out. 2019.

PAPO DE POLÍTICA. Apresentadoras: Natuza Nery, Maria Júlia Coutinho, Júlia Duailibe e Andréia Sadi. G1, 23 ago. 2019. Podcast. Disponível em:

<<https://open.spotify.com/show/0VtLrTZ1gOdbgyXyMByLut>>. Acesso em: 28 out. 2019.

PINTO, C.R.J. “Feminismo, história e poder”. Rev. Sociol. Polít., Curitiba, v. 18, n. 36, p.

15-23. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v18n36/03.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2019.

PIXELWOLF. Jovem Nerd, 2016. Quem Somos. Disponível em:

<<https://jovemnerd.com.br/quem-somos/>>. Acesso em: 15 de out. 2019.

PODCAST. Dicionário on-line do Oxford University Press (OUP), 2019. Disponível em:

<<https://www.lexico.com/en/definition/podcast>>. Acesso em: 15 out. 2019.

PORNOGRAPHY. Dicionário on-line do Oxford University Press (OUP), 2019. Disponível em: <<https://www.lexico.com/en/definition/pornography>>. Acesso em: 15 out. 2019.

PORNOGRAPHY STATISTICS. “250+ facts, quotes, and statistics about pornography use”. COVENANT EYES. Michigan: 2018. Disponível em: <<https://www.covenanteyes.com/pornstats/>> Acesso em: 11 out. 2019

PWC. “Full Year 2017 Podcast Ad Revenue Study: An Analysis of the US Podcast Advertising Industry”. Estados Unidos: 2018. Disponível em: <https://www.iab.com/wp-content/uploads/2018/06/2018_IAB_Podcast_Ad_Rev_Study_vFinal.pdf>. Acesso em: 25 out. 2019.

QG FEMINISTA. “Quais são as principais vertentes do feminismo?”. 05 de mar. 2018. Disponível em: <<https://medium.com/qg-feminista/quais-s%C3%A3o-as-principais-vertentes-do-feminismo-a-e26b3bb6907>>. Acesso em: 15 de out. 2019.

VOYEURISM. Dicionário on-line do Oxford University Press (OUP), 2019. Disponível em: <<https://www.lexico.com/en/definition/voyeurism>>. Acesso em: 20 out. 2019.

WOMEN AND HOLLYWOOD. “Statistics: Facts to Know About Women in Hollywood”. 2019. Disponível em: <<https://womenandhollywood.com/resources/statistics/>>. Acesso em: 21 nov. 2019.

ZANELLO. V. “Xingamentos: entre a ofensa e a erótica”. 2008. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST33/Valeska_Zanello_33.pdf>. Acesso em: 11 out. 2019.

ZANELLO. V. “Episódio 2: Pornografia #1”. Apresentadora: Roberta Pissutti. COISA DE MULHER, 2019. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/0H88tvTJrd3KAe2QRCdfUS>>. Acesso em: 09 nov. 2019.

11. ANEXOS

11.1. Roteiro Episódio 1

TEC: Música tema

Bom dia, boa tarde, boa noite!

Eu sou Roberta Pissutti e começa agora o primeiríssimo episódio do nosso podcast “coisa de mulher”.

TEC: Música tema

Esse episódio vai funcionar mais como uma introdução. Uma apresentação do “coisa de mulher”.

Então, começando pelo começo: quem sou eu?

Como eu disse na abertura do programa: meu nome é Roberta Pissutti, nasci em Brasília e estou cursando meu último semestre no curso de jornalismo pela Universidade de Brasília.

Mesmo antes de começar minha graduação, já tinha interesse nos estudos de gênero e feminismo. Sempre fui muito impulsiva e, por isso, já cansei de ouvir que “não sei ficar calada”.

Foi daí, eu acho, que surgiu a ideia para esse podcast.

Então, finalmente, o que é o *Coisa de mulher*? Pra quê ele serve? De onde ele vem? E todas essas perguntas existenciais.

TEC: Música tema

O *Coisa de mulher*, é o meu produto de conclusão de curso. É um podcast sobre mulheres, criado com o objetivo de dialogar sobre o espaço que nós ocupamos na sociedade.

A ideia, é proporcionar um espaço de informação e debate acessível, para ampliar cada vez mais a voz das mulheres.

Eu acredito que criar um local de conversa sobre questões da mulher é muito importante. Eu vou explicar agorinha o porquê:

TEC: Sonoras manchetes

Segundo uma pesquisa do Datafolha, em 2018, vinte e dois milhões de brasileiras passaram por algum tipo de assédio.

Um milhão e seiscentos mil mulheres foram espancadas ou sofreram tentativa de estrangulamento.

Ainda de acordo com essa pesquisa, 536 mulheres são agredidas por hora no país.

E aí, a gente tenta entender por que isso acontece. Por que o Brasil é o 5º país que mais mata mulheres no mundo?

Existe uma construção cultural que ainda reforça muito a ideia de que a mulher cuida da casa e dos filhos, enquanto o homem trabalha fora.

Uma pesquisa divulgada esse ano diz que 30% das mulheres deixam o mercado de trabalho para cuidar dos filhos.

Além disso, a gente vive em um país onde mais da metade dos adultos, e nesse caso adultos são pessoas com idade entre 25 e 64 anos, então mais da metade dos adultos não possui o ensino médio completo.

Isto é: mais da metade das pessoas economicamente ativas no Brasil, não completaram o ciclo da educação básica.

Tudo isso é muito problemático por si só. Mas estas circunstâncias causam uma situação de grande influência na questão da violência contra a mulher: as mulheres se tornam financeiramente dependentes de seus maridos, namorados, pais, ...

É aí que está um dos problemas.

Porque, de acordo com a pesquisa do datafolha, de um milhão e seiscentos mil casos de violência contra a mulher, 42% aconteceram em ambiente doméstico.

Em 76,4% dos casos, a violência foi cometida por conhecidos, como cônjuge, ex-cônjuge, irmãos, amigos e pais.

Sendo que mais da metade das mulheres não denunciou o agressor ou procurou ajuda.

E existe sempre um julgamento muito grande, né? Por que fulana não vai embora? Como que deixa a relação chegar nesse ponto?

E aí é preciso entender que, além do medo que esses relacionamentos trazem, estamos falando de mulheres que, às vezes, nunca ouviram falar sobre relacionamento abusivo e que nunca foram incentivadas a buscar sua independência financeira.

E é justamente isso que fala a Organização Mundial de Saúde: que entre os vários fatores associados ao aumento do risco de ser vítima de parceiros e de violência sexual está a baixa escolaridade.

E aí a Organização fala que estratégias para aumentar o empoderamento econômico e social das mulheres podem, sim, ser eficazes na redução da violência doméstica.

Essas estratégias não precisam ser muito grandes, ou muito complicadas.

Projetos comunitários com aulas de artesanato para venda, conversas sobre desigualdade de gênero... Qualquer coisa que ofereça mais oportunidades e informações para essas mulheres.

E foi com esse objetivo que eu decidi criar o podcast, como comunicadora e jornalista: para tentar trazer um pouquinho de informação e, talvez, oferecer um espaço onde a gente possa questionar se expressar.

O *coisa de mulher* não vai falar de um assunto só. A gente vai conversar sobre tudo e mais um pouco: cinema, música, literatura, política, economia, esporte, e muito além disso. Afinal, tudo é coisa de mulher, certo?

O podcast vai ser dividido em edições mensais que vão abordar um tema, escolhido com base nos acontecimentos da atualidade e em discussões relevantes para as mulheres e para o movimento feminista.

Nos próximos dois episódios vamos falar sobre a mulher na pornografia, com a participação de duas convidadas especiais.

TEC: Música tema

Então, o primeiro episódio acaba aqui.

E se você se interessou, se você quer saber mais, siga o perfil do podcast no Instagram @coisademulherpodcast, onde a gente avisa quando novos episódios são postados, e já fala um pouco sobre os temas que vão ser abordados. No Instagram, vocês também vão ter como participar de enquetes, mandar perguntas e sugestões sobre os temas e interagir com o programa.

TEC: Sobe música

Eu finalizo esse programa agradecendo a técnica da faculdade de comunicação da UnB, que nos proporciona o espaço e o equipamento para a gravação. Agradeço também minha orientadora, a professora Emília Silberstein. E você, que está ouvindo, muito obrigada e até a próxima coisa de mulher.

TEC: Sobe música

Os áudios das chamadas apresentadas neste episódio foram retirados de reportagens publicadas no site G1 e veiculadas nos canais da Rede Globo.

TEC: Sobe música

11.2. Guia Episódio 2

TEC: Música tema

Bom dia, boa tarde, boa noite!

Eu sou Roberta Pissutti e começa agora o podcast *Coisa de mulher*!

TEC: Música tema

Hoje, a gente conta com a presença de uma convidada especial. Eu vou deixar você se apresentar...

Apresentação Valeska Zanello

Muito obrigada por participar do programa, Valeska. Você quer falar um pouquinho sobre seus estudos?

Fala Valeska Zanello

Então, com a ajuda da Valeska, vamos iniciar o segundo episódio do *Coisa de mulher*.

TEC: Música tema

No programa de hoje a gente vai falar sobre pornografia e, claro, mais especificamente sobre a mulher na pornografia.

É um tema muito polêmico, né? É um assunto importante, mas ele traz muitas divergências de opiniões mesmo no próprio movimento feminista. E, querendo ou não, é um tema que envolve sexualidade e a gente sabe que a sexualidade da mulher sempre foi algo muito tabu: meio proibido, super controlado... E, principalmente, muito pouco discutido, o que causa um problema muito grande de desinformação.

O consumo da pornografia evoluiu muito ao longo dos anos, passando de revistas, para fitas cassetes e agora para a internet. Atualmente, o Brasil é o oitavo país com mais acessos no site Pornhub. Isso é um dado divulgado pelo próprio site na análise de acessos deles.

E sites de conteúdo pornográfico, como o Pornhub, têm um número de acesso regular maior do que o Netflix, a Amazon e o Twitter juntos.

Mas o que isso quer dizer?

Será que essa indústria não incentiva a violência contra a mulher? Ou até projeta uma ideia deturpada de sexo? E se esse for o caso, será que existe uma forma saudável de produzir e consumir pornografia?

Valeska, você é pesquisadora, têm vários estudos relacionados às questões de gênero. O que você acha? Qual é a influência da pornografia na nossa sociedade atualmente?

Fala Valeska Zanello

Em, 2010, fizeram um estudo nos estados unidos, analisando 304 cenas de filmes pornográficos e 88% dessas cenas apresentavam agressão física contra mulheres. E 48%, quase metade, tinham agressão verbal.

E aí, a gente entra na sua área de expertise, né, Valeska? Porque você tem estudos voltados justamente para a questão do xingamento relacionado ao gênero.

Fala Valeska Zanello

E agora a gente tem algo que chamam de pornô feminista. O que você acha? É possível fazer uma pornografia feminista?

A professora e cineasta, Mariana Baltar, tem uma visão voltada para essa questão do pornô feminista. Numa entrevista recente, ela cita o professor Richard Dyer, dizendo que: “A defesa da pornografia como gênero deve ser baseada na ideia de que uma arte enraizada nos efeitos corporais nos pode dar um saber sobre o corpo que outras artes não podem”.

E aí ela acrescenta: “Hoje em dia, a pornografia nos fornece esse saber sobre o corpo, só que é um saber principalmente mau, reforçando os piores aspectos da construção social da masculinidade que homens aprendem a experimentar nos seus corpos”.

Fala Valeska Zanello

TEC: Sobe música

A gente chega, então, ao final do nosso segundo episódio. É uma discussão muito complexa e que ainda vai render muita conversa. Então, no próximo episódio vamos continuar a falar sobre a mulher na pornografia, com outra convidada especial.

Muito obrigada, de novo, Valeska. Você tem alguma coisa para acrescentar, para divulgar, fazer um merchan?

Fala Valeska Zanello

TEC: Sobe música

E para mais informações sobre o podcast, é só seguir o nosso perfil no Instagram @coisademulherpodcast, onde a gente avisa quando novos episódios são postados e já traz algumas informações sobre os temas que vão ser abordados. No Instagram vocês também vão poder participar de enquetes nos stories, mandar perguntas e sugestões sobre os temas e interagir com o programa.

TEC: Sobe música

E a gente termina o programa agradecendo a Faculdade de Comunicação da UnB, que nos proporciona o espaço e o equipamento para a gravação. Agradeço também minha orientadora Emília Silberstein, a Valeska, por acrescentar tanto à nossa discussão. E você, ouvinte, muito obrigada e até a próxima coisa de mulher.

TEC: Sobe música tema

11.3. Guia Episódio 3

TEC: Música tema

Bom dia, boa tarde, boa noite!

Eu sou Roberta Pissutti e começa agora o podcast *Coisa de mulher*!

TEC: Música tema

Hoje a gente continua nossa conversa sobre pornografia e mais uma vez a gente conta com a presença de uma convidada.

Apresentação Ester Cezar

E a Ester vai me ajudar a finalizar a nossa conversa sobre a mulher na pornografia. Então, vamos iniciar o terceiro episódio do *Coisa de mulher*.

TEC: Música tema

No último episódio, a gente trouxe alguns dados sobre o consumo de pornografia e conversamos com a professora Valeska Zanello sobre a influência da indústria pornográfica na nossa sociedade.

Hoje, a gente começa o programa trazendo algumas matérias que tem a ver como tema.

TEC: Música tema

A primeira delas é uma entrevista do começo desse ano da BBC com a Mia Khalifa, que é uma ex-atriz pornô. A Mia é libanesa, ela foi pros Estados Unidos sozinha para fazer faculdade e depois de formada, acabou entrando na indústria. Ela atuou em filmes pornográficos por alguns meses, um período bem curto, em 2014.

E o que ela fala é que não foi: "Ei, você quer entrar no pornô?". Foi uma coisa mais velada: "Você é linda, gostaria de fazer uns trabalhos como modelo? Bem, é que você tem um corpo lindo."

Ela diz que "Sinto que aquela menina não tinha sido preparada para perceber que estavam se aproveitando dela e que o que lhe diziam eram mentiras. Talvez, nem fosse mentira, mas uma tentativa de me manipular para que fizesse o que queriam."

E na maioria das vezes é assim que acontece, né? A Califórnia não é o maior centro de produção de pornografia no mundo por nada. As meninas vão para lá com o sonho de ser atriz e modelo e acabam sendo sugadas pela indústria.

Fala Ester Cezar

A outra reportagem é uma bem recente. Foi divulgada no final de outubro sobre uma menina de 15 anos da Flórida que foi sequestrada e encontrada um ano depois em sites pornôs. Durante o tempo que esteve em cativeiro ela apareceu em 58 vídeos caseiros em que era abusada e acabou engravidando de um dos sequestradores, que a forçou a abortar.

Fala Ester Cezar

A falta do uso de camisinha também é uma pauta muito preocupante. O índice de Infecções Sexualmente Transmissíveis tem crescido muito.

Fala Ester Cezar

TEC: Sobe música

A gente termina por aqui o nosso terceiro episódio e o último desta edição sobre a mulher na pornografia.

Eu tenho certeza de que a gente não esgotou tudo o que esse tema pode render. Mas as conversas foram muito interessantes, muito informativas, eu acho. E se desse a gente conseguia ficar anos falando aqui, mas, infelizmente, é hora de dizer tchau.

Muito obrigada por participar, Ester. Você tem mais alguma coisa para dizer? Quer indicar algum livro, série, filme que seja interessante pra essas discussões sobre pornografia?

Fala Ester Cezar

TEC: Sobe música

E fique ligado no nosso perfil no Instagram @coisademulherpodcast, onde a gente vai divulgar o tema da próxima edição e notificar quando novos episódios serão postados. E lá vocês também vão poder participar das pesquisas nos stories, mandar sugestões de temas e interagir com o programa. Aproveitem o espaço para dizer o que vocês acharam dessa primeira edição.

TEC: Sobe música

E a gente finaliza agradecendo a faculdade de comunicação da UnB, a minha orientadora, professora Emília Silberstein, a ester, claro. E você, que nos acompanha, muito obrigada e até a próxima coisa de mulher.

TEC: Sobe música tema

11.4. Questionário sobre consumo de podcasts

Este questionário será utilizado como meio de coleta de dados para estudo e criação de um programa de podcast como produto de conclusão de curso na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Todas as respostas serão anônimas!

1. Quantos anos você tem?

2. Gênero

- ☐ Feminino
- ☐ Masculino
- ☐ Outro:

3. Onde você mora?

4. Frequenta alguma instituição de ensino superior atualmente?

- ☐ Graduação
- ☐ Mestrado
- ☐ Doutorado
- ☐ Professor(a)
- ☐ Não estou frequentando nenhuma instituição de ensino superior

5. O que está cursando?

6. Está em qual semestre?

7. Você escuta programas de podcast?

- ☐ Sim
- ☐ Não

8. Com qual frequência você escuta programas de podcast?

- ☐ Sempre
- ☐ Quase sempre
- ☐ Raramente
- ☐ Só quando acho um episódio específico que me interessa

9. Em qual plataforma você costuma acessar os programas de podcast que escuta?

- ☐ Spotify

- ☐ Youtube
- ☐ Soundcloud
- ☐ iTunes
- ☐ Outros

10. Qual tipo de podcast você costuma consumir?

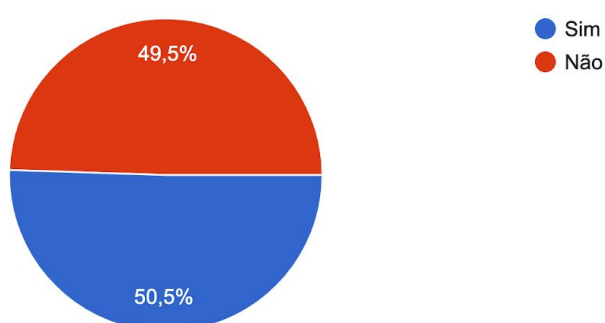
- ☐ Comédia
- ☐ Cultura e entretenimento
- ☐ Debate
- ☐ Informativo

11. Você busca escutar podcasts com temas voltados para um público específico? Se sim, quais temas?

12. Quais podcasts você recomendaria?

11.5. Respostas do questionário sobre consumo de podcasts

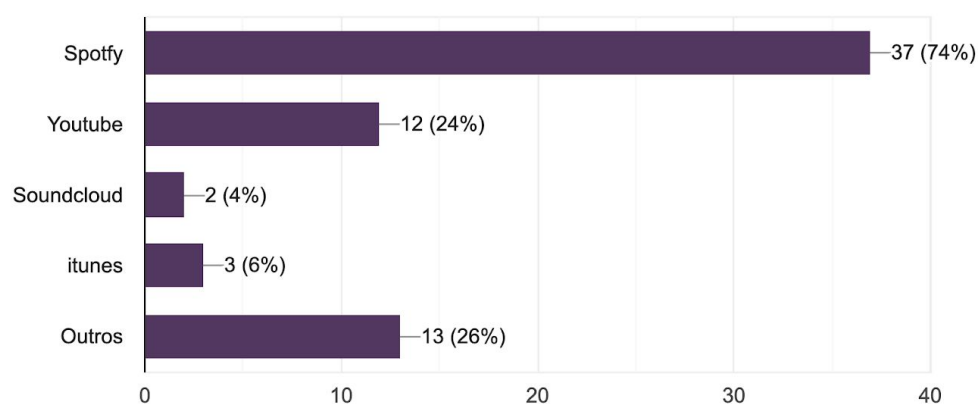
7. Você escuta programas de podcast?



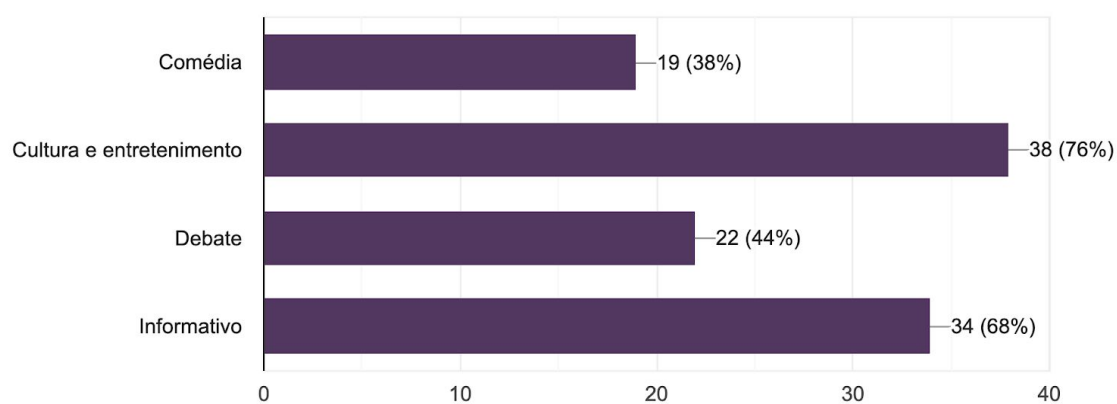
8. Com qual frequência você escuta programas de podcast?



9. Em qual plataforma você costuma acessar os programas de podcast que escuta?



10. Qual tipo de podcast você costuma consumir?



11.6. Questionário sobre consumo de pornografia

Este questionário será utilizado como meio de coleta de dados para estudo e criação

de um programa de podcast como produto de conclusão de curso na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Todas as respostas serão anônimas!

1. Quantos anos você tem?

2. Gênero

- ☐ Feminino
- ☐ Masculino
- ☐ Outro:

3. Você consome conteúdo pornográfico?

Videos, fotos, gifs, ...

- ☐ Sim
- ☐ Não

4. Com qual frequência você consome pornografia?

- ☐ Sempre
- ☐ Quase sempre
- ☐ Às vezes
- ☐ Raramente

5. Em quais sites você costuma acessar vídeos pornográficos?

- ☐ Pornhub
- ☐ Porntube
- ☐ Xvideos
- ☐ Redtube
- ☐ Outro:

6. O que você procura em vídeos pornográficos?

Com relação às categorias que mais te interessam. Ex.: Sexo a três, Bondage, ...

7. Quais categorias de vídeos pornográficos você acredita serem mais acessadas no Brasil?

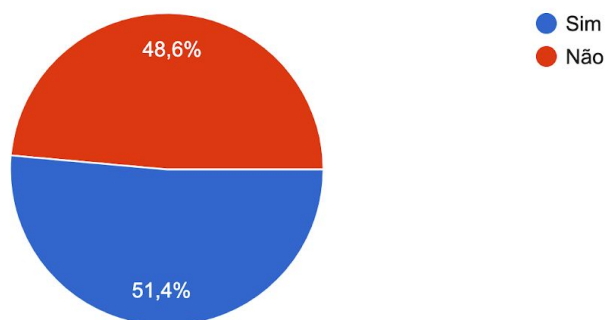
Escolha 3

- ☐ Brasileiras
- ☐ Hentai
- ☐ Lésbicas
- ☐ Sexo anal
- ☐ Japonesas
- ☐ Maduras
- ☐ Bondage
- ☐ Peitos grandes
- ☐ Negras
- ☐ Sexo a três
- ☐ Novinha
- ☐ Madrasta
- ☐ Mãe
- ☐ Meia irmã

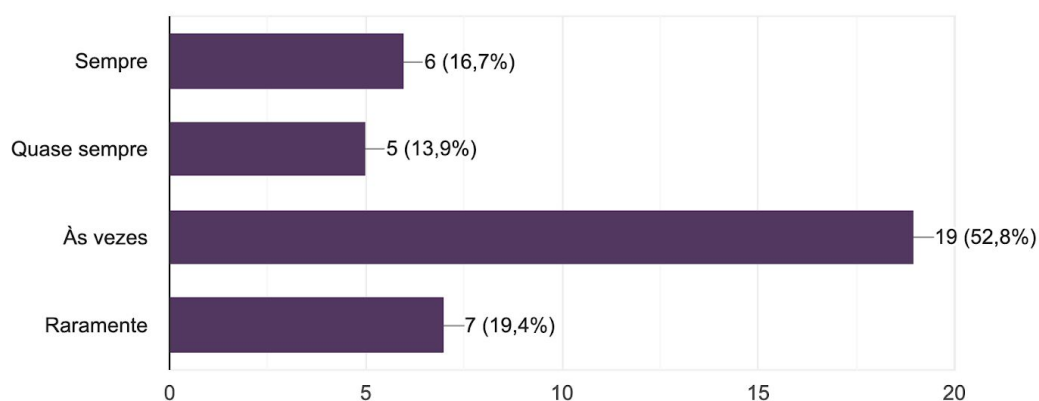
8. Qual seu posicionamento quanto a posição da mulher na indústria pornográfica?

11.7. Respostas do questionário sobre consumo de pornografia

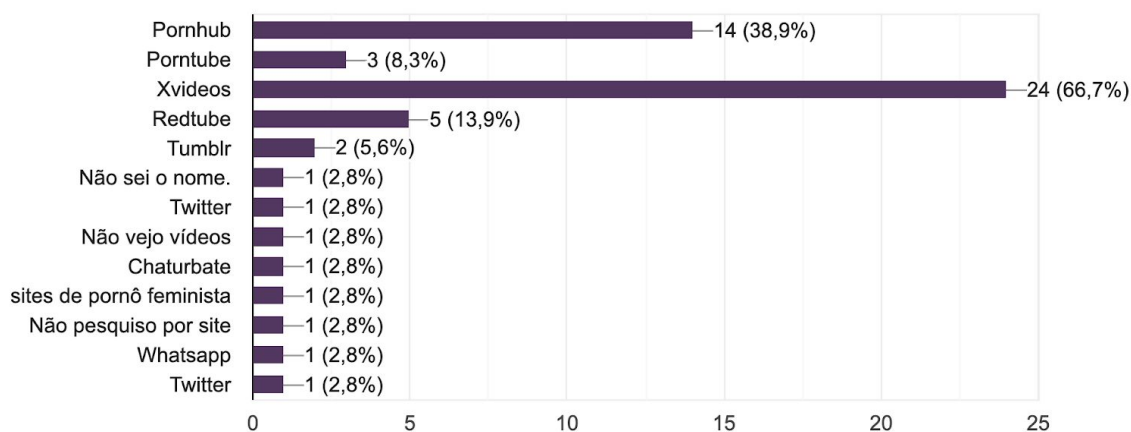
3. Você consome conteúdo pornográfico?



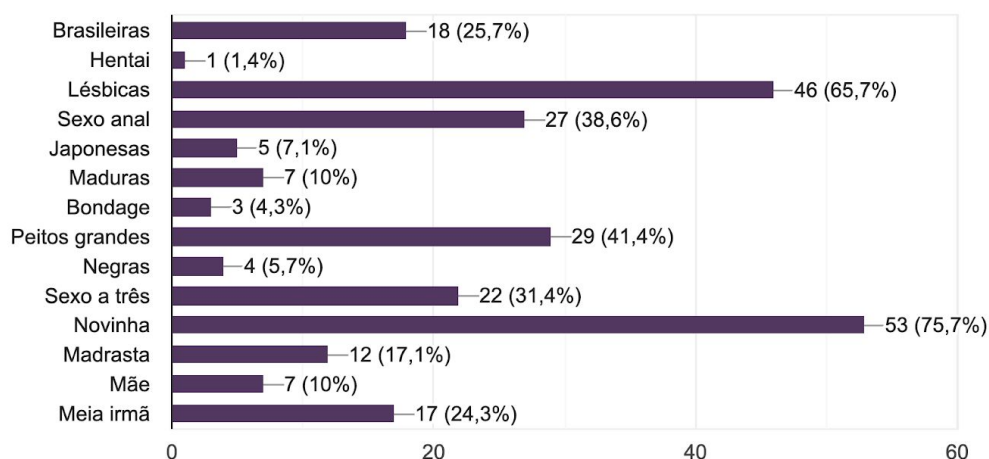
4. Com qual frequência você consome pornografia?



5. Em quais sites você costuma acessar vídeos pornográficos?



7. Quais categorias de vídeos pornográficos você acredita serem mais acessadas no Brasil?



8. Qual seu posicionamento quanto a posição da mulher na indústria pornográfica?

“Acredito que elas sejam exploradas e se submetam a situações de indignidade”. Mulher, 22 anos, não consome pornografia.

“Absolutamente contra. O pornô mata mulheres e cria uma narrativa totalmente errada sobre o que é sexo, consentimento e prazer, sobre padrões de beleza e sobre masculinidade”. Mulher, 21 anos, não consome pornografia.

“A mulher é apenas um objeto dentro da indústria pornográfica. Que existe apenas para satisfazer o homem, e estabelecer sobre ele o pensamento de posse a uma mulher, além de que ele é o único que pode a satisfazer. A mulher é apenas um apetrecho, que pode ser humilhado e deixado de lado quando quiser”. Mulher, 23 anos, não consome pornografia.

“Acredito que pornografia é estupro pago e que não se trata de uma escolha da mulher estar ali. Consentimento não pode ser comprado, principalmente dentro de uma sociedade machista e patriarcal que acredita que pode, de qualquer forma, ter acesso aos corpos de mulheres. Como indivíduos secundários dentro da sociedade, na pornografia as mulheres também são exploradas e submetidas à opressão. Fora que, na pornografia ressaltam-se estereótipos de gênero e raça em níveis absurdos, que fora daquele contexto muito provavelmente não seriam socialmente aceitos”. Mulher, 23 anos, não consome pornografia.

“Na grande maioria das vezes de humilhação. Como mero objeto sexual”. Mulher, 31 anos, consome pornografia.

“Acredito que é uma indústria muito maléfica e prejudicial para as mulheres”. Mulher, 21 anos, não consome pornografia.

“São humilhadas, desrespeitadas e expostas; a indústria pornográfica tem que ser combatida”. Mulher, 23 anos, não consome pornografia.

“Como eu não consumo esse tipo de conteúdo, não posso afirmar com certeza mas pelo que dizem ou pelo que aparecem em regra nos lugares, eu acho que a mulher é sempre muito

objetificada, mas o que me incomoda mais são as situações pelas quais as atrizes passam de violência sexual”. Mulher, 20 anos, não consome pornografia.

“Por enquanto ainda tem aspectos mais submissivos e irrealistas”. Homem, 20 anos, consome pornografia.

“Degradante. A indústria pornográfica incentiva a violência contra mulher”. Homem, 24 anos, consome pornografia.

“Objetificada”. Homem, 20 anos, não consome pornografia.

“Nenhum”. Mulher, 20 anos, não consome pornografia.

“Extremamente machista, vista apenas como um objeto sexual”. Mulher, 23 anos, consome pornografia.

“Muita submissão”. Homem, 25 anos, consome pornografia.

“Vítimas de uma indústria capitalista”. Homem, 21 anos, consome pornografia.

“Eu não consumo material pornográfico justamente pelos procedimentos da indústria pornográfica e pela exploração que fazem com mulheres. A indústria pornográfica mata e abusa de mulheres a custo de entreter pessoas de objetificar o corpo feminino”. Mulher, 22 anos, não consome pornografia.

“Sou contra. Acredito que a grande maioria dos conteúdos colocam as mulheres em situações degradantes, ou expostas de uma maneira exagerada. Acho que as atrizes recebem muito pouco frente ao lucro das produtoras/sites, e na grande maioria das vezes, optam pela carreira e fecham contratos quando ainda são muito novas, sem ter uma visão ou consciência maior do que a participação em filmes do tipo pode ocasionar ao longo do tempo”. Mulher, 22 anos, não consome pornografia.

O conteúdo final, também, não é nivelado para o consumo feminino, e na maioria das vezes, produzido por homens. Acho que as atrizes ficam muito mais expostas que os atores”. Mulher, 25 anos, não consome pornografia.

“Acredito que o consumo desse tipo de conteúdo serve apenas para reafirmar um machismo, que já é consolidado”. Mulher, 20 anos, não consome pornografia.

“Acho a indústria meio bizarra, mas não entendo muito sobre”. Mulher, 23 anos, consome pornografia.

“Qualquer ser humano é livre pra decidir fazer o que quiser desde que não interfira na vida de outra pessoa”. Homem, 24 anos, consome pornografia.

“No meu posicionamento, a mulher na indústria pornográfica assume um papel de objeto tendo em vista que boa parte do conteúdo porno é feito para o público masculino, com cenas agressivas e abusivas num padrão irreal e muitas das vezes humilhante/degradante para as mulheres que trabalham nessa indústria”. Homem, 22 anos, consome pornografia.

“Acredito que seja uma indústria altamente abusiva em relação às mulheres. Já vi alguns documentários sobre e realmente me deixou muito mal como elas são tratadas”. Mulher, 22 anos, não consome pornografia.

“Acho a retratação da mulher no mínimo problemática uma vez que os vídeos mais populares são provavelmente aqueles centrados em uma figura masculina dominante ou até mesmo aqueles com uma certa normalização de atos de violência contra a mulher”. Homem, 21 anos, consome pornografia.

“A pornografia só agride e põe mulheres a situação de risco e estupro”. Mulher, 22 anos, não consome pornografia.

“Acredito que a mulher é colocada em uma posição muito desigual ao homem. Tanto no conteúdo pornográfico quanto no público alvo e o interesse de atingir esse público. É um

pouco de generalização (porque já existem várias pessoas bem intencionadas mudando isso), mas o homem é glorificado e o objetivo principal é alcançar o prazer dele. São traições que ele realiza, são ações e movimentos que ele realiza. O pornô teria a grande capacidade de auxiliar mulheres a encontrarem maior prazer em suas relações e também de terem uma visão real do contexto, mas essa idealização da imagem feminina que tudo suporta e que tudo gosta é meramente uma falácia para agradar homens. E isso só torna a mulher cada vez mais inferior por na vida real inclusive não conseguir alcançar esses estereótipos.

Atendo um número impressionante de mulheres que não tem o menor prazer na relação sexual diária e acredito que o pornô possa ter grande influência nesse cenário”. Mulher, 21 anos, consome pornografia.

“Muitas mulher sofrem vários tipos de violência para satisfazer pessoas que são criadas sem a educação sexual que é muito necessária para reconhecer os diversos problemas na pornografia”. Mulher, 21 anos, não consome pornografia.

“Embora o dinheiro possa ser tentador para muitas pessoas, principalmente na realidade brasileira, acredito que só faz quem quer”. Homem, 21 anos, consome pornografia.

“Ela é encarada como um objeto e suas questões humanas não são consideradas pelos consumidores da pornografia”. Homem, 25 anos, consome pornografia.

“Acho que a pornografia deteriora completamente a imagem da mulher”. Mulher, 22 anos, não consome pornografia.

“Objetificação e humilhação constantes. O mercado devia acabar já”. Mulher, 21 anos, não consome pornografia.

“Prejudicial”. Mulher, 19 anos, não consome pornografia.

“Penso que, para a mulher, como indivíduo na sociedade, é um trabalho digno (voluntário, remunerado etc), mas não é saudável para as relações de gênero na sociedade”. Homem, 21 anos, consome pornografia.

“De completo desrespeito e inferioridade, é uma indústria machista que de longe pensa no bem-estar das mulheres”. Mulher, 21 anos, não consome pornografia.

“A mulher, na maioria das vezes, é oprimida”. Mulher, 21 anos, consome pornografia.

“É uma indústria extremamente abusiva com o corpo feminino”. Mulher, 22 anos, não consome pornografia.

“Acho que a pornografia coloca mulheres em situação de risco (as atrizes e outras trabalhadoras do meio principalmente, mas também quem se relaciona com quem consome)”. Mulher, 20 anos, não consome pornografia.

“Fetishizada”. Mulher, 23 anos, consome pornografia.

“Acho que a mulher é vista como objeto”. Mulher, 38 anos, não consome pornografia.

“Acho a indústria muito agressiva com suas atrizes e desrespeitosa”. Homem, 23 anos, consome pornografia.

“Para mim, a pornografia industrial é estupro filmado. O que faz com que as mulheres que trabalham com isso serem exploradas”. Mulher, 21 anos, não consome pornografia.

“Essencial”. Homem, 28 anos, consome pornografia.

“Poderia ser melhor”. Homem, 24 anos, consome pornografia.

“São tratadas como objetos, que estão ali para satisfazer o homem, que por sua vez, não se preocupam com a vontade da mulher (prazer, conforto)”. Mulher, 22 anos, não consome pornografia.

“Muito objetificada, sem foco em prazer feminino e aspectos estéticos feitos exclusivamente

para o prazer masculino”. Mulher, 25 anos, não consome pornografia.

“Acho que essa indústria por si só já é degradante e que o 'protagonismo' da mulher nesse tipo de conteúdo contribui para sua objetificação”. Mulher, 21 anos, não consome pornografia.

“Não concordo”. Mulher, 20 anos, consome pornografia.

“Acho horrenda a maneira que as mulheres são tratadas e devem atender aos comandos dos homens”. Mulher, 18 anos, consome pornografia.

“A mulher é muito objetificada nos filmes e vídeos pornográficos, sempre tratada como inferior ao homem. Acaba passando uma imagem da mulher sempre submissa”. Mulher, 19 anos, consome pornografia.

“Não sou a favor da venda do próprio corpo”. Mulher, 18 anos, não consome pornografia.

“Primeiro, Brasil senão me engano consome muito material de shemale, transsexual e não tem essas opções. Eu acho que existe abuso da indústria e acredito que iniciativa particular de fazer vídeos e não ter uma agência por trás, pode ser que seja melhor, mas o assunto é complexo e isso tem que ser debatido com as mulheres que estão na indústria. Já li relatos de extrema humilhação e outros de quem gosta de estar na indústria e não sofreu nada”. Mulher, 24 anos, consome pornografia.

“Revolta pela extrema objetificação, hipocrisia e o quanto são retratadas como objetos frágeis, emocionalmente e intelectualmente inferiores cuja única função é agradar o público masculino”. Mulher, 17 anos, não consome pornografia.

“A mulher é usada demais nessa indústria, é colocada como o objeto assim predominando o machismo nele”. Mulher, 19 anos, não consome pornografia.

“É ruim quando são maltratadas durante as gravações e quando não conseguem viver fora

dessa indústria devido ao preconceito”. Homem, 18 anos, consome pornografia.

“Favorável dadas boas condições de trabalho”. Homem, 20 anos, consome pornografia.

“Acho uma coisa desnecessária”. Mulher, 18 anos, não consome pornografia.

“Acho que cada um tem sua opção de viver dentro da área”. Homem, 19 anos, consome pornografia.

“É um mundo escroto e machista, onde as mulheres não vêem saída e são totalmente desrespeitadas!” Homem, 18 anos, não consome pornografia.

“A indústria pornográfica traduz uma sociedade alimentada dos impulsos humanos em que desmoraliza as bases criadas da sociedade para atender 'desejos animais', por consequência visa uma objetificação que se intensifica quando tratado de mulheres. A indústria pornográfica auxilia a ter uma visão mais objetificada do outro e uma flexibilização da moral do indivíduo que, novamente, atinge principalmente as mulheres”. Homem, 17 anos, consome pornografia.

“Não tenho o que opinar”. Mulher, 21 anos, consome pornografia.

“Quase sempre é muito exploratório”. Homem, 24 anos, consome pornografia.

“Vejo como um problema enquanto indústria, que obriga as mulheres deste meio a serem obrigadas a fazer coisas bizarras para conseguirem se manter no mercado. Se pornografia fosse uma coisa mais casual/espontâneo, a partir da vontade real das pessoas envolvidas na frente das câmeras, seria bem menos problemático”. Mulher, 20 anos, não consome pornografia.

“A situação é a mais medíocre existente para a maioria esmagadora, porém acho que estar na indústria é uma escolha consciente da mulher que segue carreira ali. A não ser que saia da 'atuação' e vá para a direção... Mas mesmo assim muitas diretoras de filmes repetem os

padrões estéticos e de comportamento sexual que os diretores homens fazem há décadas - até porque os estúdios são comandados por homens e criam um ideal de sexo segundo as mentes atrasadas deles”. Mulher, 26 anos, consome pornografia.

“Eu acredito, que essa indústria nada mais é do que uma forma de objetificar a mulher. Tanto que há relatos de atrizes que contam histórias de abuso durante gravações e etc. Então, essa indústria é uma grande representação do que o machismo causa para as mulheres. Um local em que as mulheres são sempre submetidas à situações desagradáveis. Não há respeito”. Mulher, 18 anos, não consome pornografia.

“Neutro”. Homem, 18 anos, consome pornografia.

“Eu sou neutro”. Homem, 18 anos, consome pornografia.

“Vejo como uma questão complexa e, em alguma medida, análoga à prostituição, pois essas mulheres estão, de alguma maneira, trabalhando com sexo em troca de dinheiro. Embora o ambiente da indústria pornográfica ofereça menos riscos imediatos - se comparado à situação de rua das garotas de programas - não se pode desconsiderar a existência de problemas como machismo, objetificação, consumo de drogas, estupro, assédio (psicológico, moral e físico), além da imposição de padrões estéticos (incluindo padrões especificamente direcionados para a genitália das atrizes), solidão, vulnerabilidade emocional e o peso do estigma, quando há interesse em tentar uma mudança de carreira. Em contrapartida é preciso pontuar a autonomia e o desejo espontâneo que algumas dessas mulheres têm em fazer parte da indústria pornográfica, encarando o trabalho com naturalidade e realização”. Homem, 31 anos, consome pornografia.

“Ela é submetida a coisas que às vezes não quer fazer porém é a mais valorizada no meio”. Homem, 16 anos, consome pornografia.

11.8. Material de divulgação no Instagram



Fonte: Perfil do Instagram do *Coisa de mulher*



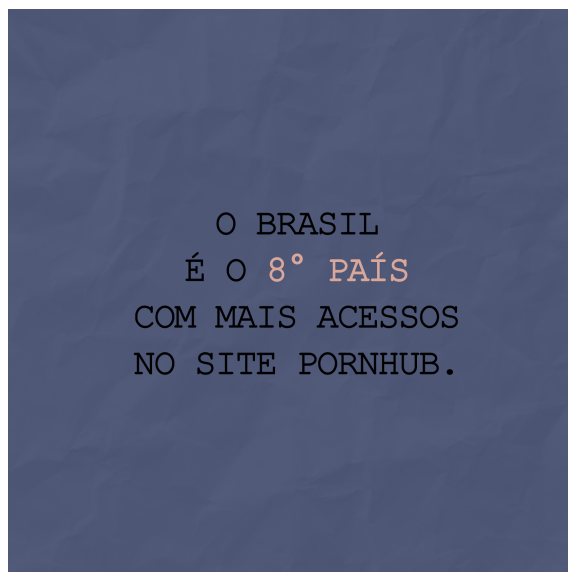
Fonte: Perfil do Instagram do *Coisa de mulher*



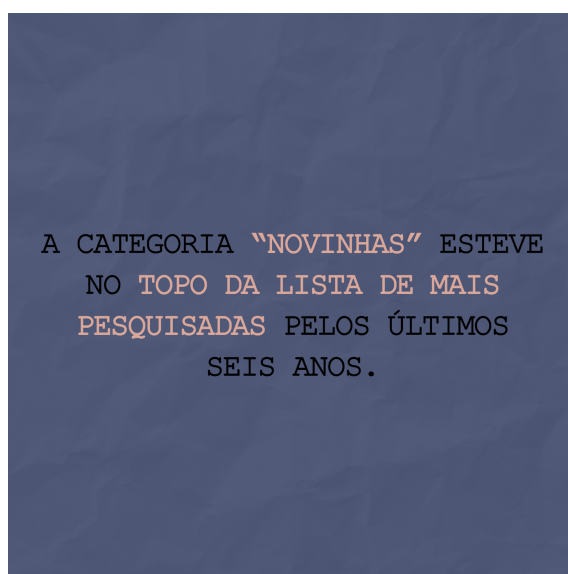
Fonte: Perfil do Instagram do *Coisa de mulher*



Fonte: Perfil do Instagram do *Coisa de mulher*



Fonte: Perfil do Instagram do *Coisa de mulher*



Fonte: Perfil do Instagram do *Coisa de mulher*

O PAPEL MAIS COMUM
PARA MULHERES EM
FILMES PORNOGRÁFICOS É
INTERPRETANDO ADOLESCENTES.

Fonte: Perfil do Instagram do *Coisa de mulher*

UM ESTUDO REALIZADO NOS
ESTADOS UNIDOS CONCLUIU QUE,
DAS 304 CENAS DE FILMES
PORNOGRÁFICOS ANALISADAS,
88% APRESENTAVAM AGRESSÃO FÍSICA
E 49% AGRESSÃO VERBAL.

Fonte: Perfil do Instagram do *Coisa de mulher*



Fonte: Perfil do Instagram do *Coisa de mulher*